



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
INSTITUTO DE MATEMÁTICA

JOÃO GABRIEL SOUZA FREITAS

**Preto, Pobre, Gay e Professor de Matemática: um ecoar de uma voz, um corpo e uma
Matemática in/exclusiva**

Campo Grande

2022

JOÃO GABRIEL SOUZA FREITAS

**Preto, Pobre, Gay e Professor de Matemática: um ecoar de uma voz, um corpo e uma
Matemática in/exclusiva**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em
Matemática - Licenciatura do Instituto de
Matemática da Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul.
Orientadora: Prof. Dra. Fernanda Malinosky
Coelho da Rosa

Campo Grande

2022

JOÃO GABRIEL SOUZA FREITAS

**Preto, Pobre, Gay e Professor de Matemática: um ecoar de uma voz, um corpo e uma
Matemática in/exclusiva**

Local, 16 de Novembro de 2022.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Fernanda Malinosky Coelho da Rosa
Orientador(a)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Carla Regina Mariano da Silva
Avaliador(a)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos
Avaliador(a)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Dedico este trabalho a minha família, amigos e as pessoas que assim como eu não se encaixam nos padrões heteronormativos da sociedade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha orientadora **Fernanda Malinosky Coelho da Rosa** que me auxiliou durante todo o processo de construção desta Monografia.

Em seguida, ao **Lucas** que conversou comigo sobre as possibilidades da pós-graduação e, conseqüentemente, me fez trabalhar com a prof. Fernanda. Além de se disponibilizar a ceder a entrevista para esta Monografia.

À **Lara Fernanda Leonel Ramires** que esteve presente durante todo o meu processo de graduação, me apoiando e auxiliando em todos os momentos.

À **Juliana Leal Salmasio** que sempre me deu dicas e me ajudou sempre que podia.

Ao Grupo **GEduMaD** que me acolheu nesses 2 anos de Iniciação Científica com a Prof. Fernanda me proporcionando diversas experiências e amizades.

Ao Grupo **MatematiQueer** que foi de suma importância para a escrita desse trabalho, me proporcionando material, colegas e experiências inimagináveis.

Ao pessoal do **Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul** que me ajudaram a chegar onde estou.

E por último, mas não menos importante, quero agradecer a minha família que me deu apoio e suporte quando precisei e sempre esteve ao meu lado proporcionando que hoje eu pudesse escrever uma Monografia, principalmente à minha mãe **Lenir Loiola Souza** e à minha avó **Doracy Tosta de Freitas**.

RESUMO

Este trabalho visa investigar quais as potencialidades produzidas por uma narrativa de um indivíduo negro, homossexual e professor de Matemática que conta sua trajetória de vida e as implicações sofridas pelas características supracitadas. Por conseguinte, objetivamos identificar como discursos de pré-conceito, estigma e *bullying* afetam uma pessoa pertencente a grupos vulneráveis discriminados por conta do gênero e sexualidade, além de trazer reflexões e discussões a fim de acabar com essa discriminação dentro da Matemática. Para isso, vamos utilizar a Pesquisa Narrativa com foco em Narrativas (Auto)biográficas. Sendo assim, observamos potencialidades não cogitadas advindas da narrativa produzida, que nos fizeram refletir. Vimos que esses discursos afetam a vida desses alunos, haja vista que eles trazem grandes consequências que influenciam nas atitudes destes discentes, fazendo com que o aluno crie bloqueios com o professor e dificuldades durante a trajetória social e escolar.

Palavras-chave: Narrativa (Auto) biográfica. Sexualidades Desviantes. LGBTQIA+.

ABSTRACT

This research aims to investigate what potentialities are produced by a narrative of a black, homosexual and mathematics teacher who tells his life story and the implications suffered by the aforementioned characteristics. Therefore, we aim to identify how prejudice, stigma and bullying discourses affect a person belonging to vulnerable groups discriminated because of gender and sexuality, and bring reflections and discussions in order to end this discrimination within Mathematics. For this, we will use Narrative Research with a focus on (Auto)biographical Narratives. Thus, we observed unanticipated potentialities arising from the narrative produced, which made us reflect. We saw that these speeches affect the lives of these students, since they bring great consequences that influence the attitudes of these students, causing the student to create blocks with the teacher and difficulties during the social and school trajectory.

Keywords: (Auto)biographical narrative. Deviant Sexualities. LGBTQIA+.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Capítulo 1 - Por uma Matemática mais Diversa.....	13
1.1. Direitos Humanos e Educação In/Exclusiva.....	13
1.2. A comunidade LGBTQIA+, sexualidades desviantes e a relação com a escola: educação para quem?	18
Capítulo 2 - Pesquisa Narrativa: (Auto)biografando Corpos	23
2.1. Procedimentos Metodológicos.....	25
Capítulo 3 - Preto, Gay e Professor de Matemática: a Narrativa de uma Vida	28
Capítulo 4 - Análise de Singularidade	54
Capítulo 5 - Para não concluir	71
Referências	75

INTRODUÇÃO

A intenção para iniciar a pesquisa sobre este tema veio primeiro por incômodos pessoais e, posteriormente, após uma conversa com um colega que participou da disciplina de Práticas II comigo, no final de 2020, com quem busquei conselhos sobre as atividades da pós-graduação. Com isso, marcamos alguns encontros pelo *Google Meet*¹ para conversar a respeito das possibilidades e oportunidades que poderiam me ajudar nesta caminhada acadêmica. Assim, ele recomendou que eu participasse de atividades como o Projeto de Iniciação Científica Voluntária (PIVIC) e também do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Pesquisei um pouco sobre meu tema de interesse e percebi que haviam poucas pesquisas que envolvessem pessoas que se considerassem pertencentes a comunidade LGBTQIA+² no âmbito da Matemática, então iniciei minha busca por um(a) orientador(a) que entendesse meus objetivos e fosse também um(a) interlocutor(a). Assim, em 2021, mandei um email para a Professora Fernanda Malinosky, que eu já sabia que trabalhava com Educação Matemática (Inclusiva), explicando o que eu queria como projeto e se ela poderia aceitar trabalhar comigo.

Após a concordância da professora e a formalização da Iniciação Científica (IC), adentrei no grupo do GEduMaD³ e iniciei diversas leituras e debates em eventos dentro da Educação Matemática (Inclusiva), aumentando meus conhecimentos, em geral. Nela iniciei os estudos sobre a comunidade LGBTQIA+ e suas relações com o ensino e a aprendizagem da Matemática, fazendo buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) por pesquisas acadêmicas que abordavam o tema, por meio dos descritores: “diversidade”, “sexualidade”, “Matemática”, concomitantemente e entre aspas. Assim, obtive 27 resultados. Para a separação dos trabalhos, reduzindo os resultados para nove pesquisas que caminhavam com a nossa proposta, conforme tabela a seguir:

Tabela 1. Listagem final das pesquisas obtidas

¹ Serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pela Google.

² Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgênero, Queer, Intersexuais, Assexuais e o + representa todo e qualquer outro tipo de comunidade, gênero e sexualidade não explicitados anteriormente que se sinta pertencente à comunidade. Daremos mais ênfase nestes conceitos no Capítulo 1.

³ Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Diversidade e Diferença. Site: [Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Diversidade e Diferença \(GEduMaD\)](#)

Ano	Título do trabalho	Autor(a)	Universidade	Tese/Dissertação
2006	Projetos de Orientação Sexual na Escola: Seus Limites e Suas Possibilidades	Virginia Iara de Andrade Maistro	Universidade Estadual de Londrina	Dissertação
2009	Educação em Ciência e Sexualidade: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre sexualidade no aluno	Ricardo Desidério da Silva	Universidade Estadual de Maringá	Dissertação
2011	Educação Sexual nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Concepções e Práticas	Claudete Martins	Universidade Federal de Sergipe	Dissertação
2012	Educação, Sexualidade e Divulgação Científica: Estado da Arte das Publicações da Área 46 da Capes	Marcia Daiane da Silva	Universidade Estadual de Maringá	Dissertação
2016	O que é normal para mim pode não ser normal pro outro: A abordagem de corpo, gênero e sexualidades nas licenciaturas no Instituto Federal de Sergipe	Helma de Melo Cardoso	Universidade Federal de Sergipe	Dissertação
2016	Tolerância: Fundamentos, Visão Internacional e Impactos na Educação	Paula Andreatti Margues	Universidade Metodista de São Paulo	Dissertação
2017	Concepções de Profissionais da Educação e Saúde em Sexualidade: Proposta Interventiva e Assessoramento para Projetos de Educação Sexual em Abaetetuba-PA.	Suellen Silva Rodrigues	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara	Dissertação
2019	Diversidade, Diferença e Currículo de Matemática: Relações Entre Macropolíticas e o Tempo dos Atores na Escola	Andréia Lunkes Conrado	Universidade de São Paulo	Tese
2020	Gênero e Sexualidade na Formação de Professores: Uma análise Curricular do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP)	Igor Micheletto Martins	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto	Dissertação

Fonte: Adaptado de Freitas; Rosa (2021)

Em conclusão, com base na revisão de literatura realizada observamos que a inserção de temas relacionados com a comunidade LGBTQIA + abordando a Educação Inclusiva na escola é fundamental para que docentes e a comunidade escolar em geral possam aprender a lidar com pré-conceitos, estigmas e *bullying* presentes no ensino e aprendizagem da

Matemática. Além disso, as pesquisas optam por utilizar o Método Qualitativo para sua elaboração, caminhando para uma ampliação deste espaço amostral na discussão da temática com os discentes. Por conseguinte, observamos que é necessária uma inclusão adequada deste tema também no currículo dos professores para que eles possam se preparar com o cenário heterogêneo que vão enfrentar em sala de aula. Assim, estes docentes podem aprender melhor como lidar com situações de preconceito e violência no ambiente escolar, condenando a exclusão, mais especificamente, nas aulas de Matemática, que é o nosso foco no momento.

Outrossim, no decorrer de 2021, fizemos apresentações em eventos acadêmicos como o Integra⁴, Congresso Nacional de Educação Matemática da Grande Dourados⁵ e o SESEMAT⁶, apresentando os resultados de minha pesquisa de IC, o que agregou fortemente em minhas experiências para me familiarizar no meio científico.

Inclusive, no SESEMAT onde conheci o Hygor Batista Guse, que na época era um aluno do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PEMAT⁷) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele entrou na sala, onde estávamos apresentando, e fez comentários muito pertinentes sobre o trabalho. Naquele momento, ele já trabalhava com essa temática e estava desenvolvendo sua dissertação em cima desse tema, além de fazer parte de grupos de pesquisa que envolvessem a temática LGBTQIA+. Depois, me ajudou contribuindo com mais informações da área e me apresentando a um grupo de Educadores Matemáticos, o *MatematQueer*⁸, o que me proporcionou diversas experiências, sendo uma delas um curso de extensão denominado: “Estudos de gênero: o que a Matemática tem haver com isso?”, que infelizmente não consegui concluir. Em suma, finalizei o segundo semestre de 2021 concluindo esta Iniciação já pensando em futuras possibilidades.

Estimulado pela minha primeira IC, decidi realizar uma segunda, novamente com a professora Fernanda, que teve início no começo de 2022 visando uma continuidade para o olhar das pesquisas acadêmicas da área, dentro da temática escolhida, e decidimos ter um produto final, que é este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Dessa forma, nosso objetivo inicial no TCC era entender, a partir de pesquisas acadêmicas e de uma entrevista, como discursos, pré-conceitos, estigmas e *bullying* podem afetar o ensino e a aprendizagem da Matemática de grupos vulneráveis discriminados por conta do gênero. Contudo, após realizar a entrevista,

⁴ Realizado desde 2017, o Integra UFMS é o maior evento de Ciência, Tecnologia, Inovação e Empreendedorismo do estado de Mato Grosso do Sul. Site: [Integra UFMS 2021 - Live](https://www.integra.ufms.br/)

⁵ Site: <https://ocs.ufgd.edu.br/index.php?conference=edumat&schedConf=congmat&page=index>

⁶ Seminário Sul mato-grossense de Pesquisa em Educação Matemática

⁷ <https://pemat.im.ufrj.br/index.php/pt/o-pemat/apresentacao1>

⁸ <https://linktr.ee/MatematiQueer>

percebemos que o objetivo mudou para identificar como discursos de pré-conceito, estigma e *bullying* afetam uma pessoa pertencente a grupos vulneráveis discriminados por conta do gênero e sexualidade, além de trazer reflexões e discussões a fim de acabar com essa discriminação dentro da Matemática

Em decorrência disso, este trabalho já nos proporcionou várias outras experiências diferentes da primeira, como a participação em um evento denominado XIV Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM), além de mais uma participação no Integra e mais futuramente a defesa e apresentação desta Monografia para uma banca de Defesa.

Tais participações nesses eventos nos fizeram ter outra visão a respeito do tema escolhido para esta Monografia, que antes era um olhar mais focado para a comunidade LGBTQIA+, mas agora, em decorrência de uma devolutiva dos avaliadores do ENEM, tem um olhar mais amplo para além desta comunidade, levando em consideração também sexualidades e gêneros desviantes, tais conceitos serão melhor trabalhados no capítulo 1, por agora vamos apenas explorar o comentário que mudou de certo modo a direção da pesquisa.

O comentário supracitado nos questionava sobre os nossos resultados de busca e nossas análises, pois dos trabalhos acadêmicos que encontramos não falava especificamente da exclusão ou inclusão de pessoas autodeclaradas como sendo pertencentes a comunidade LGBTQIA+, mas sim apresentavam comentários relacionados às pessoas consideradas com sexualidades desviantes⁹.

Assim, pesquisas que envolvem a temática LGBTQIA+ e sexualidades desviantes são pouco recorrentes na área da Matemática e da Educação Matemática. Dessa forma, buscamos contribuir em um âmbito qualitativo para o ramo das pesquisas acadêmicas dentro do tema, buscando entender como pré-conceitos, estigma e *bullying* podem interferir na vida de alunos que se consideram com sexualidades e gêneros desviantes da heteronormatividade. Falaremos mais a respeito deste conceito mais a frente no documento.

Diante desse cenário surgem as seguintes perguntas: Como podemos incluir (de fato) este tema dentro de uma sala de aula no ensino regular e acadêmico? Como mostrar a grande importância desse tema para a comunidade escolar e familiar? Quais assuntos são importantes para a formação dos alunos? E dos professores? Tentaremos responder a estes questionamentos no último capítulo deste documento.

⁹A expressão será apresentada com mais detalhes no capítulo 1.

Neste trabalho, apresentaremos com cinco capítulos. No capítulo 1 falaremos a respeito de inclusão e direitos humanos, discorrendo sobre a in/exclusão da comunidade LGBTQIA+ na escola perpassando pelos direitos humanos e suas relações com a escola na aprendizagem dos alunos.

No capítulo 2, apresentaremos a Metodologia escolhida, que resultou na produção de uma narrativa (auto)biográfica, bem como mostrar os procedimentos metodológicos.

No capítulo 3, trazemos na íntegra a narrativa (auto)biográfica produzida por Lucas.

No capítulo 4, fizemos uma análise de singularidades sobre a narrativa de Lucas.

Finalizando, o capítulo 5 que chamamos de “Para não concluir...”, vamos discorrer a respeito das nossas conclusões a partir da análise da narrativa, observando quais foram as potencialidades das imagens e também da narrativa (auto)biográfica .

CAPÍTULO 1 - POR UMA MATEMÁTICA MAIS DIVERSA

Neste capítulo discutiremos a respeito do conceito de sexualidades desviantes e também da sigla da comunidade LGBTQIA+, além de revisar aspectos da Educação Inclusiva utilizando alguns referenciais teóricos. Com isso, vamos construir uma argumentação tentando mostrar a importância da inclusão de assuntos relacionados a gênero e sexualidade nas escolas, dando uma certa ênfase à aula de Matemática. Conforme apresentado anteriormente nas conclusões da IC de 2021, nós observamos que, de fato, essa discussão é necessária e isso inclui uma contextualização da Educação Inclusiva e dos Direitos Humanos.

1.1. DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO IN/EXCLUSIVA

Entendemos que os Direitos Humanos¹⁰ são diretrizes que reconhecem e protegem a dignidade de todos os seres humanos, regendo o modo como eles vivem individualmente em sociedade e entre si, além de administrar suas relações com o Estado e as obrigações que este tem em relação a esses direitos.

A necessidade da criação desses direitos se deu logo após a 2ª Guerra Mundial no intuito de que eventos catastróficos como esse não voltassem a acontecer. Portanto, os países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) elaboraram uma carta que, mais adiante, se tornaria um dos documentos mais importantes na defesa da vida dos seres humanos.

Em decorrência disso, em 10 de Dezembro de 1948, foi criada a Declaração Universal de Direitos Humanos (DUDH) que possui 30 artigos que regem os direitos morais e éticos que todo ser humano deve possuir, sendo este documento de *status* Supralegal, o qual se encontra acima das leis e abaixo da constituição.

Atualmente, como o Brasil é um dos países membro da ONU, ferir qualquer um desses direitos é crime, sub-julgado como crime contra a humanidade, podendo ser cabível prisão de acordo com o Art. 5º da Constituição Brasileira (BRASIL, 1988).

Sendo assim, a inclusão de temas como a diversidade sexual e de gênero nos Direitos Humanos é necessária na luta contra o preconceito e a estigmatização de professores e alunos que são considerados com sexualidades desviantes. O Programa Nacional dos Direitos

¹⁰<https://www.unicef.org/brazil/o-que-sao-direitos-humanos#:~:text=Os%20direitos%20humanos%20s%C3%A3o%20normas,tem%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%20eles>

Humanos (PNDH) possui a Diretriz 10 que garante a igualdade na diversidade, separando tópicos em Objetivos Estratégicos, os quais o Objetivo Estratégico 5 garante o respeito à livre orientação sexual e identidade de gênero, apresentando algumas ações programáticas que possuem seus respectivos responsáveis como, por exemplo:

Fomentar a criação de redes de proteção dos Direitos Humanos do segmento LGBT, principalmente a partir do apoio à implementação de Centros de Referência em Direitos Humanos de Prevenção e Combate à Homofobia e de núcleos de pesquisa e promoção da cidadania do segmento LGBT em universidades públicas. (BRASIL, 2009, p. 99)

Como este é um documento de 2009, a sigla adotada difere da atual e o conceito de gêneros e sexualidades não é abordado amplamente, entretanto a inserção da comunidade LGBT já mostra uma preocupação com o futuro dos cidadãos que sejam parte dessa comunidade, o que pode proporcionar que mais conceitos e estudos fossem elaborados com o passar dos anos.

Nos documentos supracitados não são mencionados claramente a questão de sexualidades desviantes. No intuito de esclarecer um pouco melhor o conceito dessa expressão, segundo Simakawa (2016), as identidades de gênero e sexuais se relacionam com atravessamentos de padrões corporais, de raça, de etnia e outros fatores sociais que permitem compreender as pluralidades de vozes existentes de um mesmo grupo social e, conseqüentemente, articular lutas por transformações sociais a partir de paradigmas de diferenças e não de pautas supostamente comuns.

Estes atravessamentos nos mostram o quão importante são as discussões a respeito de gênero, sexualidade, sexualidades desviantes e a comunidade LGBTQIA+, pois eles mostram que as lutas e os movimentos criados para estas comunidades não são exclusivas delas.

Assim, em 2019, foi proposto um Projeto de Lei (PL) que tinha o objetivo de criminalizar práticas preconceituosas que dizem respeito ao gênero ou sexualidade de qualquer indivíduo. Essa PL foi publicada em 2020 e segue em vigência até a presente data, entretanto os crimes contra a comunidade LGBTQIA+ e pessoas com gênero ou sexualidades desviantes ainda são bastante recorrentes. O Brasil segue sendo um dos países que mais mata pessoas pertencentes a esse grupo, assim como afirmam dados de 2021 apurados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB)

Nessa perspectiva, Arroyo (2019) aponta que pessoas que se consideram com gêneros e sexualidades desviantes correm risco de vida nessa atual sociedade. Por mais que tenham surgido mais direitos para esta população, ele nos faz refletir com a seguinte afirmação: “Corpos de crianças-adolescências condenadas precocemente a vidas precarizadas pelo trabalho infantil,

pela violência social e sexual, pelos preconceitos, pela homofobia e pela pederastia, pela dor e pelo sofrimento, pela fome e pela desproteção” (ARROYO; SILVA, 2012, p. 23)

Esse risco se faz presente no cotidiano sendo cada vez mais explícito na vida de pessoas que se consideram com sexualidades e gênero desviantes, uma vez que as mesmas são expostas a violências físicas e psicológicas nos ambientes social, escolar e acadêmico. Com isso, é visível que a violência física, verbal e psicológica é cada vez mais eufemizada e traduzida como “opinião”, “posicionamento político” ou até mesmo "religioso", partindo de professores ou também de alunos. Assim, Moreira e Silva (2018) comentam que:

Pensar e discutir o corpo e a sexualidade no ambiente escolar pode tornar-se um perigoso exercício na atualidade, visto que grupos conservadores instalados nos diversos cenários políticos influenciam diretamente no exercício da docência, ditando e regulando os discursos que apenas desejam promover a equidade entre os gêneros e promover o respeito pela diversidade sexual, visto que foi e é possível constatar que a sexualidade e o gênero constituem-se, duplamente, numa fonte problemática. (p. 14)

Portanto, como os Direitos Humanos defendem a vida de todos os indivíduos, é necessário que a vida de pessoas com gênero e sexualidades desviantes saia dessa zona de perigo que Arroyo (2019) apresenta. Assim, devem ser tomadas medidas segurança para essas pessoas, as quais para muitos ainda não fazem parte do TODO que esses direitos se referem. Para isso, devemos discutir amplamente sobre essa temática com a direção da escola, professores e alunos, que podem levar essa discussão para suas famílias resultando em uma rede de apoio e informação benéfica para todos.

Figura 1. A que todos os Direitos Humanos se referem?



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/dia-20-de-mar%C3%A7o-estarei-em-campinas-para-uma-conversa-sobre-tirinhas-e-direitos-/1877006095678021/>

Nessa perspectiva, trouxemos a imagem acima que ilustra a situação supracitada quando questionamos o TODOS ao qual os Direitos Humanos abordam e todas as questões que dizem respeito à pessoas com gêneros e sexualidades desviantes como a transmissão de informações referentes a comunidade, combate à violência com a implementação de leis, e publicação de

trabalhos científicos que dialoguem sobre esta temática para contribuir na vida dessas pessoas que, apesar de ser considerada parte desse todo, precisa lutar para estar nele.

Cabe enfatizar que, além do que já foi exposto, a Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que "toda pessoa tem direito à educação". Mesmo esta declaração sendo publicada na década de 1940, havia (ainda há?) segregação. Apenas na década de 1990, o Brasil passou a ser um dos países signatários da Declaração Mundial sobre Educação para Todos, nas quais se compromete com a transformação do sistema educacional de modo a acolher todos, indiscriminadamente.

Assim, inicia-se um movimento educacional tardio no país, chamado de Educação Inclusiva, que busca estabelecer as mesmas condições de ensino e de aprendizagem para todos, pois ainda há pessoas ao redor do mundo que são excluídas por conta de gênero, origem étnica ou social, idioma, religião, nacionalidade, condição econômica ou habilidade. Dessa forma, a Unesco desenvolve um trabalho que possui o intuito de acabar com essa exclusão existente na atualidade na busca por uma educação igualitária, lutando contra todo e qualquer obstáculo que impeça o aluno de exercer sua cidadania. (UNESCO, 1960).

Destarte, com o passar dos anos foram feitos movimentos em prol da educação, sendo um deles realizado pela Unesco em parceria com UNICEF, the World Bank, UNFPA, UNDP, UN Women and UNHCR que organizaram uma reunião para discutir propostas educacionais para os próximos 30 anos seguintes, diante disso entre os dias 19-20 de Maio de 2015:

Os líderes mundiais assinaram a Agenda de Desenvolvimento Sustentável Educação 2030, um caminho estruturado para tornar a educação acessível a todos e a base para o desenvolvimento sustentável e a paz. A UNESCO coordena a comunidade internacional para alcançar os objetivos educacionais do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 por meio de parcerias, orientação política, desenvolvimento de capacidade, monitoramento e advocacia com o Marco de Ação Educação 2030 como roteiro.

Esse documento possui o intuito de cumprir 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Aqui estamos dando ênfase no Objetivo 4 cujo propósito geral é melhorar diversos aspectos da educação mundial durante este período de 30 anos utilizando meios sustentáveis visando o bem estar e a inclusão de todos. Portanto, temos um grande período para que todos os objetivos da Educação Inclusiva sejam alcançados e, na melhor das hipóteses, quando essa estimativa chegar ao fim, estaremos com uma educação igualitária em todos os aspectos.

Entretanto, como ainda se passaram apenas alguns anos após a elaboração desse documento e os processos de exclusão são bastante evidentes na atualidade da educação, um exemplo é a exclusão produzida pela disciplina de Matemática. Assim, como afirmam Souza e Silva (2017):

O currículo de Matemática heteronormativo é o sistema de exclusão que retoma e modifica constantemente o que é proibido, e faz circular uma vontade de verdade e, no entanto, é dela sem dúvida que menos se fala. Como se para nós a vontade de verdade e suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade em seu desenrolar necessário. (p. 385-386)

Desse modo, é possível perceber que a Matemática exerce uma função excludente quando analisamos seu currículo. Souza e Silva (2017) discorrem sobre a exclusão realizando uma problematização do currículo baseada na análise de livros didáticos de Matemática dos anos iniciais do ensino fundamental aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2016, a qual o objetivo era identificar se nestes materiais haviam figuras, exercícios e/ou textos que envolvessem o TODO da Educação Inclusiva. Com isso, eles observaram que a exclusão está presente nas pesquisas e materiais analisados e, além disso, os pesquisadores mostram o quão importante é esta análise para identificar processos de exclusão e de pré-conceitos adotados em textos e exercícios de Matemática.

Assim, podemos lutar contra esses processos de exclusão realizando estudos acadêmicos que têm por objetivo apresentar leis, artigos, narrativas e vertentes da Educação Inclusiva com o intuito acabar com esse problema e mostrar que a Matemática pode não ser uma disciplina exclusiva a um determinado grupo, deve-se incluir todos para uma melhor aprendizagem.

Além disso, Rosa e Rodrigues (2019) acrescentam às discussões o seguinte questionamento feito por uma professora: “Você é daquelas pessoas que acreditam nessa inclusão utópica?” (p. 2). A priori, esta docente apresenta discursos de intolerância fazendo uma crítica desfundamentada a respeito do todo da Educação Inclusiva que esses autores defendem. Podemos observar então que existe certa resistência dos professores quando se trata dessa temática em suas aulas e que estudos que relacionam Inclusão, Exclusão e Matemática são de suma importância para uma melhoria na aprendizagem desta disciplina. Nesta perspectiva, Rodrigues (2018) afirma que:

[...] é necessário compreender que a Matemática em nossa sociedade, e por consequência na escola, atua como um poderoso filtro social. Podemos dizer isso observando o alto índice de reprovação causado pela Matemática, a evasão de alunos motivada pelo fracasso nesta disciplina e a determinação por ela de quem poderá alcançar as profissões mais bem remuneradas. (p. 129)

Gondim e Miarka (2017) argumentam que há uma Matemática com ‘M’ maiúsculo, denominada por eles também como branca, ao fazerem uma crítica a respeito de toda essa carga posta em cima da Matemática. Ademais, dentro desta, discutindo assuntos que ultrapassam a barreira da exatidão, se encontra a matemática com ‘m’ minúsculo que pode ser um produto de

assuntos relativos à aprendizagem cuja Matemática ‘branca, europeia e greco-romana’ não discute por estar mais preocupada com os números, fórmulas e a exatidão.

Assim, essa relação de poder apresentada no texto de Gondim e Miarka (2017) entre a Matemática e a matemática nos mostra que assuntos como o desta monografia são taxados como exteriores à Matemática, sendo encaixados em ‘uma matemática menor’ as quais “[...] as forças de suas afecções fazem dela uma produção problemática, sobretudo, singular” (GONDIM, MIARKA, p. 124-125, 2017).

Desse modo, disciplinas como Cálculo, Análise Real e Álgebra são considerados assuntos importantes para a Matemática, enquanto Corpo, Gênero, Sexualidade e Pobreza são taxados como assuntos que não fazem parte do poderoso terreno da Matemática, mas sim de seu exterior, que será denominado como matemática, menor, com ‘m’ minúsculo, a qual fazemos parte. Por fim, nos resta a tentativa de expandir a Matemática com esse M para que nela caibam mais temas, corpos e vozes que juntas podem por fim a essa exclusão.

Por isso, é importante acabar com este filtro social da Matemática que considera estar acima de tudo e de todos, pois esse pensamento além de acarretar nos problemas como a evasão escolar, também provoca problemas psicológicos, fazendo com que educandos acreditem que estão fadados ao fracasso por não conseguir compreender essa disciplina. Ainda de acordo com Rodrigues (2018):

[...] a forma como a Matemática é trabalhada na escola desconsidera os vários ritmos de aprendizagem, o contexto sociocultural dos alunos e não raramente é tida como destinada às mentes privilegiadas. Sem dizer que o currículo de Matemática—mas também o de outras disciplinas —, que dita o “o que”, “quanto” e “em que ordem” ela será trabalhada, é feito a priori, para uma sala idealizada, replicado vários anos e as vezes por quem não conhece os alunos. (p. 129)

Essa forma excludente de trabalho com a Matemática pode ser vista como uma doutrina a ser seguida na sala de aula, não adepta a mudanças. Com isso, as individualidades dos alunos são deixadas de lado, o que pode desencadear em dificuldades de aprendizagem, pois cada indivíduo possui um tempo determinado para processar as informações e assimilar o conteúdo.

1.2. A COMUNIDADE LGBTQIA+, SEXUALIDADES DESVIANTES E A RELAÇÃO COM A ESCOLA: EDUCAÇÃO PARA QUEM?

No que diz respeito a Educação Inclusiva, sabemos que a comunidade LGBTQIA+ também faz parte dessa educação, pois que de acordo com documentos oficiais da UNESCO as escolas comuns de orientação inclusiva são: “[...] o meio mais eficaz de combater atitudes

discriminatórias, construir uma sociedade inclusiva e obter educação para todos¹¹” (UNESCO, 2005, p. 13, tradução nossa). Sendo assim, a fim de reiterar o leitor com a pesquisa, argumentaremos a respeito da sigla que é conhecida mundialmente, já passando por diversas reformulações e discussões.

A escolha pelo uso da sigla com a grafia apresentada ao longo deste trabalho foi feita no momento da concepção da pesquisa de IC, em 2021. Posteriormente, outras siglas também passaram a ser utilizadas oficialmente, como LGBTQIAP+ e LGBTQIAPN+. Assim, em termos mais gerais, podemos conceituar cada letra presente sigla separando-as em relação à sexualidade: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Intersexuais e Assexuais; a respeito de gênero: Transexuais, Transgêneros, Travesti. Sendo a letra Q representada por um movimento de lutas denominado “Movimento *Queer*” que perdurou durante um longo período de tempo em repressão ao preconceito e estigmatização que a comunidade LGBT sofria/sofre.

Dessa forma, ao pé da letra o termo *Queer* pode significar “estranho” ou “esquisito” representando estilos de vida, movimentos e/ou tudo que saia do “padrão” estabelecido pela heteronormatividade (GUSE, 2022). Além disso, o + representa toda e qualquer pessoa ou movimento que se sintam pertencentes a um gênero, sexualidade ou grupo desviante da heteronormatividade posta na sociedade como, por exemplo, o feminismo e o movimento negro (FRANÇA; SASSO; CORDEIRO, 2021). Em seguida, a respeito de gêneros e sexualidades desviantes, Louro (2000) afirma:

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os ‘outros’ sujeitos sociais que se tornarão ‘marcados’, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como ‘o segundo sexo’ e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. (p.9)

Essa norma estabelecida na sociedade está presente também na escola, a qual encontramos uma pluralidade de personalidades que são reprimidas a favor de se encaixar nesse padrão imposto pela sociedade para os indivíduos que estão neste espaço (CONRADO, 2019). Isso faz com surja a necessidade de aprender mais com este conceito de gênero e sexualidades desviantes para que essas pessoas não sofram com o preconceito dentro e fora do ambiente escolar, assim como a comunidade LGBTQIA+.

¹¹ *Regular schools with inclusive orientation are the most effective means of combating discrimination, creating welcoming communities, building an inclusive society and achieving education for all.* (UNESCO, 2005, p.13)

A inclusão de temas sobre esta comunidade tem um papel fundamental na educação dos alunos, pois auxilia não só na educação dentro da escola, mas também fora dela combatendo formas de violência sexual, verbal ou física. Levando isso em consideração, Orrú (2017) afirma que “A inclusão é um movimento contrário a todas as formas de *apartheid*” (p. 63). Defender a comunidade LGBTQIA+ no âmbito escolar e acadêmico é uma tarefa deveras complicada, pois como Martins (2011) e Desidério (2009) apresentam em suas pesquisas ainda há muita resistência por parte dos professores dentro das salas de aula do ensino básico, se estendendo até mesmo para o ensino médio e superior, como Cardoso (2016) também expõe em seu trabalho.

Nessa direção, nós, professores, influenciaremos positivamente ou negativamente na vida desses alunos, lhes oferecendo apoio ou dando as costas para o que pode literalmente acabar com a vida de um indivíduo que se identifica com gênero ou sexualidades desviantes pertencentes à comunidade. Como apresenta um levantamento anual¹² sobre homicídios contra a população LGBTQIA+, realizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), por meio da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), em um relatório denominado: “Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil”:

O Nordeste foi a região onde mais LGBT tiveram morte violenta, 35% dos casos, seguida do Sudeste (33%). [...]

São Paulo é o estado onde ocorreu o maior número de mortes, 42 (14%), seguido da Bahia com 32, Minas Gerais com 27 e Rio de Janeiro, 26. Acre e Tocantins notificaram apenas um assassinato e Roraima foi o único estado sem registro. A capital mais perigosa para o segmento LGBTI+ em 2021 foi Salvador (12 mortes), seguido de São Paulo, com 10 ocorrências. Salvador, com aproximadamente 3 milhões de habitantes, registrou duas mortes a mais que São Paulo, 12 milhões, risco portanto de um LGBT baiano ser vítima de morte violenta é 3\4 superior ao de um paulistano. (OLIVEIRA, MOTT, 2021, p. 2-3)

Além desses dados, são mostrados no documento nomes, rostos e as histórias de vida das vítimas da homofobia, além de um tópico que comenta sobre as punições sofridas pelos agressores, bem como o abafamento desses casos por parte dos meios de comunicação, o que faz com que esses crimes sejam abafados.

Assim, na pesquisa de Cardoso (2016) observamos que a temática de gênero, corpo e sexualidade estão sendo inseridas nas práticas formativas dos cursos de licenciatura em Matemática e Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe-IFS/Campus Aracaju. Nesta instituição há uma disciplina denominada: “Educação e diversidade” que foi cursada por cinco alunos.

¹² Como a do ano de 2022 ainda não foi publicada, utilizaremos a última edição que é a de 2021.

Já a tese de Conrado (2019) apresenta políticas e Secretarias vinculadas ao Ministério da Educação que, em sua criação, propunham o reconhecimento e o tratamento da diversidade, mas que só foram implementadas para o recebimento de pessoas público-alvo da Educação Especial, como se o restante ou o “todo” não existisse, fosse homogeneizado ou silenciado:

Classificamos os movimentos e processos de produção dessas políticas curriculares em três ciclos temporais: 1. *O reconhecimento da pluralidade cultural*, marcado pela publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais; 2. *O tratamento das diferenças*, que emerge com a produção de políticas educacionais específicas e a criação da Secad (2004); e 3. *O combate à multidiscriminação*, dado pelo fortalecimento das políticas do ciclo anterior em prol da construção de uma política nacional de atendimento à diversidade humana de modo articulado aos sistemas públicos de ensino, a partir do momento de fusão da Secad com a Seed, criando assim a Secadi (2011) [...] (CONRADO, 2019, p. 82).

Conrado (2019) fala a respeito dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e políticas públicas, no entanto, nessa lógica os grupos considerados vulneráveis passam (ou deveriam) a fazer parte do todo e, conseqüentemente, do universo da escola inclusiva. É importante ressaltar que mesmo com políticas apontando para uma Educação para Todos, temos documentos recentes como Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas¹³ (ONU), já citada anteriormente, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os quais a comunidade LGBTQIA+ é invisibilizada, mesmo sendo um grupo considerado vulnerável. Nessa direção, além das legislações citadas nesta monografia e dos trabalhos acadêmicos mencionados na tabela na Introdução, também observamos que duas novas pesquisas surgiram entre o período de 2021 e 2022 que dialogam nas temáticas de defesa em relação a pessoas com gênero e sexualidades desviantes.

A dissertação de Tadeu Silveira Waise intitulada: “Cenários de Reconhecimento em Contextos de Minorias Sexuais e de Identidades de Gênero na Aula e na Formação Inicial de Docentes de Matemática”, defendida em 2021, apresenta como conclusão que há a necessidade de promover a discussão sobre o tema diversidade e aponta a importância do desenvolvimento de uma Matemática escolar voltada para a justiça social:

Como conclusão, o autor apresenta que estranhar a Matemática está para além de pensamentos centrados em binarismos, onde esse estranhamento se dá por um movimento que acarreta na desconstrução dos processos de produzir, aprender e ensiná-la. Utilizando esta disciplina para formulação de perguntas a respeito da sociedade, assim como utilizar a sociedade para questionar estruturas e hábitos que estão ao redor da Matemática. (WAISE, 2021, p. 134)

¹³ <https://portal.stf.jus.br/hotsites/agenda-2030/>

Ademais, a dissertação de Hygor Batista Guse intitulada “Pesquisas com Pessoas LGBTI+ no Campo da Educação Matemática: Indagando Processos de (Cis-Hetero)Normatização da Área”, defendida em 2022, apresenta como conclusão a necessidade da criação de brechas nas pesquisas e práticas docentes numa tentativa de “estranhar os processos de ensino e de aprendizagem, os currículos, práticas pedagógicas, visando enfraquecer a força das (cis-hetero)normas que por anos marcam as vidas de pessoas dissidentes” (GUSE, 2022, p. 132). Cogitando a ideia de uma Matemática que fuja de padrões eurocêntricos, indo na contramão do que vem sendo instaurado predominantemente.

Observamos que estas pesquisas também possuem o intuito de auxiliar na aprendizagem dos alunos em diversas situações como: saúde sexual e mental, prevenção, até mesmo identificação de situações de abuso sexual dentro ou fora dos lares. Além desses fatores, podemos destacar que um professor que desvia das normas heteronormativas pré-estabelecidas pela sociedade pode ser uma personalidade de representatividade para esses alunos, fazendo com que eles se identifiquem com esse docente, o que pode culminar em uma melhor aprendizagem.

Outrossim, a inclusão de assuntos relacionados à comunidade LGBTQIA+ e pessoas que são consideradas com gênero e sexualidades desviantes em sala de aula se faz necessária para possamos preparar nossos alunos para o combate de pré-conceitos e da estigmatização postas pela heteronormatividade no intuito de controlar o ensino e a aprendizagem dos discentes, não incentivando o questionamento nem o debate de assuntos que são de suma importância para a formação interpessoal do aluno.

Portanto, de acordo com os tópicos 1 e 2 desta seção vimos que a discussão a respeito da comunidade LGBTQIA+ e de pessoas que se consideram com gênero e sexualidades desviantes são pauta dos Direitos Humanos, sendo elaboradas cada vez mais propostas que possuem o intuito de auxiliar esses indivíduos. Além disso, também vimos que a inserção dessa temática em sala de aula se faz importante para destruir barreiras que podem atrapalhar no ensino e aprendizagem da Matemática.

A seguir, no capítulo 2, vamos abordar a respeito da Metodologia utilizada na pesquisa e no subtópico deste vamos apresentar os procedimentos metodológicos que fizeram parte do trabalho.

CAPÍTULO 2 - PESQUISA NARRATIVA: (AUTO)BIOGRAFANDO CORPOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso é de cunho qualitativo e leva em consideração três pressupostos: “o conhecimento está em constante processo de construção” (ANDRÉ, 2013, p. 3), “[...] envolve uma multiplicidade de dimensões” (Ibidem, p. 3), além de relatar sobre as diversas óticas que a realidade pode ser encarada. Podendo assim, ser utilizado para descrever e analisar uma unidade social, levando em consideração suas múltiplas dimensões e a dinâmica natural.

Ademais, como metodologia usaremos a pesquisa narrativa que tem por objetivo entender a experiência humana tratando-se de um estudo de história vivida e contada (SAHAGOFF, 2015). Além disso, como afirma Passos e Galvão (2011):

O recurso das narrativas permite a explicitação e a reflexão sobre o que chamamos de episódios marcantes. São situações que envolvem carga emotiva intensa, trazem à memória emoções positivas ou negativas para quem as vivenciou e representam, algumas vezes, momentos decisivos para mudanças, transformações etc. (p. 8)

Além disso, é necessário que a pesquisa narrativa seja entendida como forma de entender a experiência humana, o qual o papel do pesquisador é de interpretar os textos e, a partir deles, criar um novo texto. Neste trabalho interpretaremos a narrativa constituída pelo relato do entrevistado em uma narrativa analítica. De acordo com Sahagoff (2015), a metodologia que escolhemos “[...] é um processo de aprendizagem para que se possa pensar narrativamente, para que se atente para as vidas, enquanto vividas narrativamente. Para isso, são necessários alguns termos que vão auxiliar ao decorrer da pesquisa como: “[...] **social** para tratar da interação; **passado, presente e futuro** para desenvolver a noção de continuidade e lugar para marcar a situação. O objeto de estudo da pesquisa narrativa são as histórias narradas.”(CLANDININ; CONNELLY, 2011 *apud* SAHAGOFF, 2015, p. 2).

Diante disso, nesta metodologia de pesquisa é perceptível que o objeto de estudo são as histórias narradas, as quais as experiências são importantes. Assim, é necessário que as pessoas sejam entendidas como indivíduos que interagem e estão inseridos em um contexto social.

Desse modo, podemos dizer que a pesquisa narrativa possui objetivos e foco que podem ser alterados ao decorrer de sua aplicação e, com isso, surge a necessidade de lidar com questões éticas da metodologia como a elaboração do termo de compromisso, até mesmo antes do início

do trabalho, que deve ser assinado pelo narrador para possíveis publicações. Além disso, de acordo com Souza (2006), “A discussão e negociação do contrato em contextos de pesquisa com a abordagem biográfica exigem a explicitação de aspectos epistemológicos, metodológicos e éticos” (p. 145). Também dentro da pesquisa narrativa podemos utilizar diferentes textos como a escrita (auto)biográfica, escrita de diários, notas de documentos, fotografias etc. (SAHAGOFF, 2015).

Dessa forma, na intenção de promover a reflexão por meio da narrativa que o interlocutor produziu, dando ênfase na vivência de um indivíduo que desvia dos padrões heteronormativos postos pela sociedade. Convidando o indivíduo para um processo de construção de uma identidade por meio da qual uma ordenação e uma lógica vão ser conferidas aos eventos vivenciados. (RICOEUR, 1985; JANNER-RAIMONDI, 2019)

Cabe ressaltar que, dentro da pesquisa narrativa, optamos pela Narrativa Auto(biográfica), que é uma forma de escrever sobre o contexto de vida podendo ser uma composição da história que segue um enredo composto por dimensões individuais e sociais que se cruzam por meio da construção e transformação de processos desta ao longo do tempo. Ademais, pode ser entendida como uma representação, um recontar, uma reconstrução particular da narrativa do sujeito, sendo que a utilização dessa abordagem terá foco em elementos inscritos nas relações interpessoais e dialógicas para que sua postura e atitude sejam construídas neste contexto de pesquisa (ALVES, 2021).

Desse modo, vamos utilizar o termo (auto)biográfica entre parênteses, pois entendemos que ele abrange as biografias e as narrativas, além de possuir sentidos mais abrangentes como os de reflexão por parte do indivíduo que narra sua história (ROSA, 2013). Nesse sentido, foi elaborada uma narrativa (auto)biográfica captada por meio de áudio e vídeo que objetiva apresentar situações que aconteceram/acontecem durante todo o caminho percorrido pelo aluno, em especial o entrevistado.

Assim, como defende Lejeune (2011) quando fala a respeito da retrospectiva que o indivíduo narrador faz ao reviver momentos, falas e ações focalizadas em sua história individual. Sendo assim, consideramos este como o melhor método para esta produção, haja vista que dirigimos a narrativa como uma conversa na tentativa de deixar o narrador da história o mais confortável possível. Assim, concluímos este objetivo pois tivemos uma conversa duradoura e produtiva tal que bastaram-se as imagens do roteiro para que o narrador pudesse conduzir a conversa no seu ritmo e da maneira como quisesse.

Sendo assim, a narrativa (auto)biográfica assume um papel de contar uma experiência de vida para o investigador, possibilitando ao narrador que ressignifique alguns acontecimentos

que serão narrados (ABRAHÃO, 2006). Além disso, ainda de acordo com a autora, podemos destacar a tríplice dimensão do tempo narrado, analisando o discurso das narrativas produzidas mostrando que memórias do presente, passado e futuro estão imbricadas nas significações com que o sujeito da enunciação opera com ao rememorar os fatos por ele vivenciados (ABRAHÃO, 2006).

Ademais, Rosa (2013) defende em sua dissertação que as narrativas (auto)biográficas podem ser entendidas como escritas de memórias mostrando uma recapitulação histórica de toda a trajetória que este método percorreu, além disso “[...] em pesquisas na área de Educação e Educação Matemática, a escrita de narrativas (auto)biográficas tem se ampliado, com base no pensamento de que o sujeito possui uma identidade própria que o diferencia, um ser único e autônomo diante do coletivo.” (ROSA, 2013, p. 50).

Com isso, vimos nesse tipo narrativa uma possibilidade inovadora no âmbito das pesquisas acadêmicas saindo da escrita direta do papel para uma forma contemporânea de captação, por meio de áudio e vídeo, pois estamos utilizando um recurso que acompanha a evolução do método narrativo.

2.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O processo de escolha do convidado foi bem fácil para mim, haja vista que tive contato com o Lucas na disciplina de Práticas II e III durante o 1º e 2º semestre de 2021. Durante esse período, desenvolvi uma amizade com ele, fui me conectando com sua história e por meio das nossas conversas, recebi conselhos que me ajudaram a pensar em oportunidades como ingressar no Mestrado da universidade.

Em seguida, tive algumas reuniões via *Google Meet* com ele no início de 2021 e isso me fez perceber que eu deveria participar de alguns projetos como a Iniciação Científica (IC) e o Projeto de Institucional de Bolsistas de Iniciação à Docência (PIBID), que na época eu já estava participando. Assim, iniciei minha Iniciação Científica juntamente com a professora Fernanda visando crescimento interpessoal, novos laços e a pós-graduação, e um bônus disso foi esta segunda IC.

Em suma, mandei uma mensagem pelo aplicativo Whatsapp para o entrevistado Lucas e juntos marcamos um horário que seria flexível para ambos e também para a professora orientadora, ficando assim marcada a entrevista para às 9:00 do dia 24/03. Além disso, antes

mesmo de iniciarmos a elaboração do roteiro, a professora Fernanda teve uma breve conversa com Lucas a respeito de alguns temas. Dias depois, elaboramos nosso roteiro, optando por utilizar cartões com imagens.

No roteiro, que serviu como direcionador para a narrativa de Lucas, sendo que esta abordagem não faz parte, obrigatoriamente, da metodologia de pesquisa narrativa, contudo optamos por fazer haja vista que temos um objetivo a observar na fala de Lucas. Portanto, para fugir de um roteiro que mais se parece como uma entrevista, optamos por utilizar as imagens disparadoras a partir dos temas falados por ele na conversa e também com o intuito de aproveitar as potencialidades que esta opção poderia despertar no entrevistado.

Cabe esclarecer que optamos por deixar a identidade de Lucas preservada, haja vista que ele mesmo escolheu esta opção de anonimato, sendo tudo combinado com ele antes como: os pronomes a que iríamos nos referir a ele, o nome fictício que adotamos na narrativa e os nomes das cidades e lugares que foram citados ao decorrer do relato.

Outrossim, escolhemos Lucas para entrevistar, pois eu já tinha contato com ele durante meu período na graduação e assim, pude conhecer um pouco melhor a respeito de sua vida. Ademais, tive o interesse de conversar com ele a respeito deste tema, pois acredito que possuímos experiências parecidas, haja vista que nos consideramos incluídos na comunidade LGBTQIA+. Além disso, Lucas foi um amigo que me mostrou a importância de participar em eventos e projetos da universidade para que eu pudesse crescer nela, e também foi ele quem recomendou que minha IC fosse orientada pela professora Fernanda, a qual trabalha com inclusão, o que proporcionou experiências em grupos, eventos, escrita e apresentações que me prepararam para este TCC e também para o processo de mestrado durante estes dois anos.

Desse modo, criamos um formulário por meio do Google Formulários para que ele concedesse sua autorização para a entrevista e, juntamente com isso, pensamos em seis imagens para ele explorar toda sua vivência da escola até os dias atuais na universidade, comentando um pouco a respeito de sua família, amigos, identidade e a relação (direta ou indireta) disso com seu ensino aprendizagem na Matemática. Em seguida, no dia 23/03 à noite, enviamos via *WhatsApp*¹⁴.

Com isso, optamos por realizar a narrativa (auto)biográfica que foi gravada na plataforma do *Google Meet* com áudio e vídeo. Nossos cenários foram as nossas residências e o roteiro foi estruturado com as imagens previamente definidas. Entretanto, deixamos que esse diálogo fosse livre para que este direcionamento fosse natural e produtivo dando profundidade

¹⁴Aplicativo de mensagens;

ao tema, e fazendo com que o narrador se sentisse confortável durante a conversa. Em decorrência disso, esta narrativa surgiu como um produto das imagens disparadoras presentes no roteiro da narrativa, as quais o narrador poderia escolher não usar ou acrescentar alguma imagem.

Assim, com a utilização das imagens tivemos o intuito de observar as potencialidades delas por meio da narração do convidado ao longo da gravação. Sendo assim, organizamos elas em ordem cronológica, da infância até a vida adulta, as quais as figuras utilizadas no roteiro são apresentadas a seguir.

Figura 2. Imagens do Roteiro



Fonte: Arquivo pessoal

Em conclusão, a narrativa (auto)biográfica proporcionou que a pesquisa fosse bem executada abrindo possibilidades para futuras discussões a respeito de assuntos como: “a possibilidade do narrador mudar as imagens”, “a troca de experiências entre narrador e ouvinte” e também “a relação de quem narra com quem escuta” que podem ser melhor desenvolvidas em um Mestrado e Doutorado.

No que segue, apresentaremos a narrativa (auto)biográfica produzida a partir da transcrição na íntegra do relato de Lucas. Cabe ressaltar que retiramos os vícios de linguagem a fim de transformar o relatado em áudio e vídeo em uma narrativa. Após isso, faremos a análise de Singularidade no capítulo 4 e, por fim, nossas considerações a respeito de toda a produção.

CAPÍTULO 3 - PRETO, GAY E PROFESSOR DE MATEMÁTICA: A NARRATIVA DE UMA VIDA

O João está nervoso por ser sua primeira entrevista e eu estou nervoso porque esta é a primeira entrevista que eu vou conceder a alguém no sentido de que eu nunca quis falar sobre essas coisas por vários motivos. E ontem, quando você mandou as imagens, parte de mim não quis falar, em seguida me questionei sobre isso e até mandei mensagem para uma amiga por volta da meia noite externalizando algumas preocupações minhas a respeito da entrevista.

Em minha fala vão aparecer minhas experiências, algumas coisas, pois aquelas imagens me provocam experiências, me senti muito provocado, tanto que minha vontade era trazer fotos e substituir por elas. Até pensei, nossa que proposta de entrevista bacana, porque não me chegou com roteiro nem perguntas e eu falo isso, mas também sou um aluno que está na academia e talvez se você entrevistar algum professor ou alguém que não está na academia este pode ter uma percepção diferente da minha.

Isso marca essa minha primeira fala, minha primeira entrevista, pois sempre pensei: "Eu vou desenvolver um trabalho desse tipo, mas quem vai me orientar? Como eu vou discutir uma coisa com um orientador(a) que não está falando disso, que não saiba do que eu estou falando, ou também que não tenha sensibilidade com o tema que estou falando". Assim, pensei: "Não vou fazer isso", pelo fato de que quando eu cheguei no programa ele não estava da mesma forma como está hoje o programa vem se modificando muito, e por isso peguei minhas ideias e guardei para quando eu receber essa "libertação" com o título de Doutor. O fato de estar no doutorado muda muitas coisas como: as pessoas te olham de uma maneira diferente, você começa a estar em espaços que você não estava antes.

Olhando agora para as imagens, que recebi à noite, me senti muito provocado por elas, meu desejo era pegar essas imagens e mudar elas para outras que vieram na minha cabeça. A partir dessas imagens, eu começo a fazer muitos questionamentos. Assim, fiz muitos questionamentos para cada imagem de início e vou falar um pouco sobre o que me remete a cada imagem.

A primeira imagem traz uma questão familiar muito forte para mim, eu olho para aquela imagem e me remete a família, porém quando eu olho para a família da imagem eu penso "Essa não é a minha família" e assim eu escrevi: "Esta família não me representa!!!", pois quando eu olho para esta imagem, eu vejo pessoas brancas, percebo uma questão de piramidal onde o pai é maior que a mãe, não sei sabe? Posso estar num delírio muito forte, mas essa imagem me

remete a uma certa hierarquia, não sei. Eu olho para ela e vejo que esta família não me representa, a cor dessas pessoas não me representa.

Quando penso na minha família, eu olho para minha mãe e vejo uma mulher que trabalha muito, sempre trabalhou muito, e um pai que sempre trabalhou muito. Eles são concursados da prefeitura, ganham um salário mínimo, desde quando o salário mínimo era de 150 reais. Casaram-se muito novos e antes disso minha mãe tinha alguns problemas espirituais. Por conta disso, nossa vida foi bastante dificultada. Quando eles descobriram que iriam ter um filho (eu), meu pai decidiu parar com muitas dessas coisas e resolveu criar o filho. Após isso, nasci e adquirimos um terreno onde construímos nossa casa, tudo aos poucos utilizando uma Matemática do meu avô e do meu pai que construíram nossa casa.

Não remete a minha família, essa cor não é a cor da minha família, essa imagem está no sentido de pirâmide com na ponta mais alta tem esse homem. Não sinto que essa configuração esteja ligada a minha família, pois somos eu, minha mãe, meu pai e o meu irmão que veio bem depois. Então, quando olho para essa imagem eu penso nisso, ademais talvez por conta da nossa cor, eu sempre tive uma educação muito pensada para tais situações: "Não corra!; Seja muito educado nos ambientes; Agradeça". Minha mãe sempre frisou muito tais atitudes, até mesmo a maneira como ela me vestia era diferente, sempre me deixando muito alinhado, certinho, parece que sempre fui muito criado com a roupinha passadinha, blusinha para dentro, chuteira. Meu pai sempre gostou disso, mas eu nunca fui por esses caminhos, ele comprava bolas para mim e eu só queria "saber o que tinha dentro" só rasgava elas.

Me remete a minha configuração de família, uma família preta, pobre, e que no seu imaginário não imaginava muitas coisas. Que outras configurações de família existem? Pois quando eu olho para essa configuração de família, olhei para a cor dessas pessoas, e também essa configuração de homem e mulher. O que é família? Pois essa concepção de família atrelada a imagem está atrelada a ideia que é exposta em todos os lugares como a mídia, livros e até dentro dos livros didáticos, apesar de agora estar mudando um pouco essa situação. Por que não outras famílias? Por que não outras configurações? Quando olho para essa imagem vejo uma hierarquia, essas pessoas parecem muito felizes e animadas, diferentemente da minha em que aparenta estar cansada de tanto trabalhar.

Mesmo após sair de casa, eu sentia a necessidade de ajudar, pois eu sempre fui criado para ajudar e nós sempre fomos muito unidos nesse sentido, tanto que até mesmo hoje nas bolsas de mestrado e doutorado eu ainda mando dinheiro para minha família. Meu pai disse

uma coisa muito forte agora para mim no doutorado: "Sou seu fã número 1 no doutorado, pois eu quero que você me dê 200,00". Sendo que o trabalho é uma coisa muito forte na nossa família, parecendo que fomos "criados para trabalhar", pois sempre vi minha mãe e meu pai trabalhando muito, até mesmo eu trabalhei muito cedo. Como eu disse antes na história deles, quando meu pai decidiu que daria um caminho para nossa família acredito que isso sempre teve muita ligação com o trabalho, trabalho na roça, trabalho como empregada doméstica e após isso eles passaram em um concurso em um cargo de serviços diversos, que fazem de tudo por um salário mínimo.

Assim, eu cresci vendo minha mãe limpando a escola. Via minha mãe limpando os banheiros da escola, onde os alunos passavam, as salas, ela limpava tudo. Eu me lembro de, às vezes, eu ir encontrar minha mãe. A gente se encontrava no banheiro e ficava conversando, encontrava ela em todos os lugares da escola, mas sempre limpando a mesma. Me lembro também que ela me contava sobre situações racistas que ela vivenciava dentro da escola e eu me perguntava por que os alunos dali falavam esse tipo de coisa para minha mãe.

Quando eu era criança, não entendia muito bem esse tipo de situação. Desse modo, cresci vendo minha mãe na escola e quando chegávamos em casa eu gostava muito de ouvir as histórias que ela contava de lá, as coisas que ela trazia de lá, as vivências que aconteciam e as crianças que lá estavam. Já o meu pai sempre trabalhava em um almoxarifado da prefeitura e sempre trabalhava com coisas de mudança e várias outras coisas da prefeitura, passando por vários setores ao decorrer de sua carreira. Enquanto minha mãe sempre se manteve na escola passando de faxineira, para inspetora da escola. Desse modo, cursei os anos iniciais nessa escola e os anos finais do Ensino Fundamental em outra, e nela eu já não tinha mais minha mãe, o que me abalou, pois eu já não sentia muita segurança.

Foi aí na 4^o série que eu percebi que não eram todas as coisas que eu poderia dividir com a minha mãe porque, às vezes, eu tinha alguns estranhamentos, eu não conseguia me enturmar com o grupo de meninos para brincar, nem com o grupo de meninas. Ficava sempre na minha, às vezes, ocorria o *bullying* que eu preferia não contar para ela para não preocupá-la e essa foi uma das primeiras coisas que me fez perceber que havia coisas que eu não iria comentar, pois ela já estava com muitas preocupações com o sustento da família. Então, eu aguentei tudo calado desde a 4^o série até o 3^o colegial¹⁵ e até o doutorado.

Minha mãe e meu pai não sabem das histórias e das coisas que acontecem na graduação. Eles enxergam esse universo pela forma como eu conto para eles, e eu seleciono o que vou

¹⁵ Ensino Médio.

contar, pois não quero que se preocupem com isso também, haja vista que eles já tem preocupações demais para lidar. Eu não sei até que ponto blindar eles dessas coisas faz sentido, mas para mim faz sentido, pois gostaria que eles olhassem para isso com bons olhos, e não a "partir dos meus óculos".

Crescemos em uma família pobre que não podia ter tudo e que deveria escolher o que podia comprar, nunca pude comprar tudo o que eu queria e eu já entendia isso. A própria escola doava alguns materiais para minha mãe, então ela sempre gostou muito dessa parte de desenhar, encapar cadernos e eu também segui esse caminho. A gente preparava nosso próprio material sem muito luxo. E já nessa época eu comecei a me aproximar da Matemática, mas era uma coisa diferente, que parecia que quando eu chegava em casa meu pai me ajudava nas tarefas de Matemática e minha mãe nas tarefas de Português etc. Sendo assim, na infância meu pai estava mais próximo de uma ideia de Matemática e assim eu fazia as tarefas e lições sem dar trabalho na escola, acredito ser por conta da minha criação de estar sempre certinho, não correr ou fazer bagunça. Nunca fui para a diretoria, nunca me envolvi em brigas, sempre soube me portar na sala de aula, sempre tirando notas muito altas ao ponto de não me lembrar de tirar notas baixas.

Chegou um tempo em que meus pais não conseguiam mais me ajudar na resolução das atividades, o que não os impedia de questionarem algumas coisas e essa participação me fazia ir buscar em livros, bibliotecas etc. Após isso, depois de muito tempo para conseguirmos ter acesso à internet para pesquisar coisas, o computador, por exemplo, foi uma ferramenta que só consegui adquirir dentro da faculdade em 2016. Antes disso, meus trabalhos eram feitos nos computadores das escolas ou bibliotecas. Eu sempre quis saber um pouco mais e isso era consequência dos questionamentos dos meus pais juntamente com minha vontade de estudar.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, indo para o Médio eu comecei a entender que eu poderia estar em uma certa zona de conforto se eu estudasse, sendo esta no sentido de conflitos com minha sexualidade e orientação. Sendo assim, isso é uma coisa que começou a ser pensada por mim.

A próxima imagem é a da escola e falando um pouco a respeito desse período, eu me lembrei desses conflitos que eu passava dentro dela e, mais uma vez, eu não me lembro de comentar isso com meus pais porque eles nunca me perguntaram. Eu tinha essas dúvidas e não perguntava para ninguém e ficava por isso mesmo. Porém, se eu tirasse notas boas e fosse um excelente aluno na escola, eu poderia olhar para essas coisas no futuro, era isso que eu fazia. Naquela época, eu era muito novo para fazer isso, percebo isso agora, naquela época isso tudo

era automático. Olhando para esta imagem, eu consigo visualizar meus conflitos e uma coisa que reparei é que todas as pessoas dessa imagem estão sorrindo e eu olho para esse sorriso e pergunto: “É só felicidade que encontramos na escola?”

Porque, para mim, a escola é um misto de coisas, um misto de sensações e um misto de emoções, está todo mundo muito feliz, uma realidade em que tudo deu certo e está maravilhoso. Não sei se é bem assim olhando para minha realidade, não sei se eu estaria sorrindo nessa imagem. Porém, não vou dizer que não sorri, eu sorri em vários momentos, mas teve outras coisas também e eu não gostaria de passar essa imagem de apenas sorrisos na escola, onde eu estudava, onde minha mãe trabalhava, onde fiz o Ensino Fundamental e Médio.

Talvez quando eu entendi que eu poderia seguir estudando e ser um excelente aluno, isso iria me “privar” de discutir algumas coisas que eu queria conversar e perguntar, eu fiquei nessa zona de conforto e nisso eu tinha minhas questões em relação à minha orientação e identidade. Eu não falava isso com ninguém, não escrevia para ninguém encontrar, guardava isso para mim, na minha cabeça. Com isso, na escola, eu sempre me vi muito preocupado com as boas notas, não fazer muitos amigos, pois dentro da minha educação, meus pais e eu não fazíamos muitos amigos, até porque eu não via muito isso dentro de casa pelo fato deles sempre estarem trabalhando, conseqüentemente, não dava tempo de ter essas coisas, e isso era passado para mim.

Então, eu cresci assim e tem uma fala deles que me reverbera até hoje na minha dificuldade em ter amigos, tenho uma dificuldade muito forte de conseguir construir relações de amizade, experimentar outros tipos de relações, é um desafio, pois isso foi uma coisa que ficou muito marcada e muito forte, que eu não deveria sair para fora. Eu sempre ficava em casa sozinho, limpando a casa e com o gato. Após o nascimento do meu irmão, eu passei a ficar em casa cuidando dele, estudando alguma coisa ou fazendo alguma coisa das artes para que, quando eles chegassem, tudo estivesse pronto. Assim, quando eles chegavam, eles me contavam como haviam sido suas experiências lá fora e, quando eu ia para a escola, ia sempre pensando em estudar, em tirar boas notas, em ser focado. Quando tinha outros pensamentos, eu guardava para mim, até os próprios questionamentos, não questionando professores e professoras sobre estas questões, muito menos meus pais. Sempre me vi guardando isso para mim e pensando: “Não, eu vou estudar e em um dado momento eu vou conversar sobre essas coisas”. Só fui começar a falar com eles sobre essas coisas quando eu comecei minha universidade, porque eu venho de uma cidade do interior e em cidades assim parece que todo mundo te conhece, parece que todos já sabem como você deve ser. É até um pouco estranho quando eu vou para lá, e eu pensava:

“Não, quando eu crescer um pouco mais e fazer faculdade eu vou poder conversar mais sobre isso e externalizar mais seus desejos”.

Nessas questões de namoro e relacionamento, meu pai e minha mãe criaram dois rapazes (eu e meu irmão) e apesar disso, minha mãe nos dizia que nenhum de nós dois iríamos namorar dentro daquela casa. E nisso eu fico pensando, e se nós fôssemos duas mulheres, como seria isso? Isso era tudo que estava em volta desse meu período da escola, e neste tempo eu já comecei a entender que eu deveria ser muito inteligente. Como eu já gostava de estudar também, então comecei a me aprofundar, porque o meu pai estudou até a 4ª série, minha mãe até a 6ª série e eles me ajudavam bastante nessas tarefas de casa, mas ainda até o ponto que não dava mais para me ajudarem e isso não os privou de perguntar as coisas.

Assim, na escola eu sempre fui um aluno muito bom de nunca dar nenhum “problema” como ir para a direção, por exemplo, mas acho que era muito por conta dessa educação que eu tive, que foi uma educação rígida. Desse modo, fui entendendo que eu tinha que ser bom porque parecia que como eu não tenho talvez o computador ou que eu não fazia outras coisas diferentes na escola, não sei se eu tinha essa sensação de estar atrás, mas não sei. Eu pensava sobre isso, mas pensava que tinha que ser bom. Com isso, meu pai falava assim para mim sempre: “vai lá participa, faz isso, faz aquilo”.

Agora, pensando na próxima imagem, que é esse pódio, foi aparecendo os concursos. Assim, eu lembro da quarta série que eu ganhei um de melhor aluno e fui viajar pela primeira vez. Eu fui à praia porque era o melhor aluno. Um pouco antes, na primeira ou segunda série, mais ou menos, participei de um concurso de redação, o qual escrevi um texto. Depois, na quarta série, também participei de um curso de redação do PROERD¹⁶, o qual eu escrevi outro texto, então assim, esses meus escritos estavam lá e a minha mãe e meu pai estavam comigo.

Então, eu fui entender um pouco desse “pódio”, mas eu olho para essa imagem e ela me traz um certo sufocamento porque esse pódio gera um certo peso na gente. Além disso, esse negócio de ser o primeiro, eu me sinto sufocado por conta desse negócio de ser o primeiro, é o primeiro da família a fazer faculdade, o primeiro da família a ter um doutorado, o primeiro da família a viajar de avião, o primeiro da família... e sabe, esse pódio é bom porque a gente acessa algumas coisas e ser o primeiro também tem coisas boas, mas ele é ruim, ele me sufoca.

¹⁶<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34829>

Essa representatividade, às vezes, me sufoca, talvez seja até esse um ponto do porquê que eu não quero isso tanto para minhas pesquisas, não é? Porque a gente fala muito de representatividade, mas a gente não discute os pesos que essa representatividade traz e também as dores que ela traz. Por isso hoje estou aqui conversando com vocês abrindo uma caixa de lembranças, uma caixa de memórias e muitas dessas memórias eu não sei se eu queria esquecer, não é esquecer, mas eu não eu queria conversar sobre elas, mas aos poucos eu estou conseguindo conversar sobre elas, aos poucos eu estou conseguindo olhar para elas e esse pódio ele me traz isso, ele me lembra dessas competições, ele me lembra de um certo sacrifício que você precisa fazer para ser o número um, ele me lembra de umas renúncias e isso não é de agora de mestrado e doutorado. Porque lá no mestrado eu passei primeiro, lá no doutorado eu passei primeiro, lá na bolsa eu fui o primeiro. Meu pai disse vai lá e vença, eu venci, porém e a dor dessa vitória, não é?

Ela dói um pouco e lidar com ela é bem difícil, porque essa representação traz uma certa responsabilidade e também traz muitas coisas que parece que a gente se interliga, muitas outras histórias, há muitas outras pessoas que são como a gente, que se espelham na gente e eu tenho um certo medo. Eu tenho um pouco de medo de tanta responsabilidade e talvez seja por isso que eu não trato dessas coisas na minha pesquisa diretamente assim, porque se o pódio me dá essa narrativa de “aí é o primeiro” me assusta um pouco e aí é porque por trás dessa narrativa, nas entrelinhas, tem aquela coisa que “se você quer, você consegue”, sabe?

Essa falácia que a sociedade vive repetindo não é verdade, pois não é porque eu consegui que outra pessoa vai conseguir também, não é dessa forma. Eu consegui algumas coisas mas aí eu tenho me questionado “vale a pena tudo isso?”. Porque a gente já faz tanta renúncia, tanto sacrifício, e com isso a gente acaba perdendo o humano e se envolve nessa lógica, perdendo nas relações humanas. A gente perde essa parte humana e para esse pódio eu fiz um questionamento: “Qual é o peso de ser o número um?” Porque eu estou vendo aqui a pessoa dois e a pessoa três lá, e ainda o número um está mais alto se interliga aquela pirâmide que a gente discutiu no começo de família. Tem alguém colocando esse número um nele e essa pessoa até levanta os pés, ela não está apoiada totalmente, ela tem que erguer os pés para chegar lá, é tão alto, não é? E para isso, eu me pergunto qual é o peso de ser o número um.

Assim, quando eu olho para minha trajetória, eu vejo os concursos, as viagens que ser o número um proporcionou, acessando a muitos espaços até dentro da universidade, haja vista que eu participei do Programa de Educação Tutorial (PET), gastei dinheiro da universidade no sentido de eventos. Eu participei de tanta coisa que eu fiz um currículo pensado nesses pontos para disputar as bolsas, porque eu já entendi que precisava, que o dinheiro é importante para

mim e para minha família também, sendo até mesmo importante para minha existência. Eu precisava dele, então eu fiz.

Porém, isso causa muitas marcas e ficamos nessa lógica, nessa disputa de produção desenfreada e acredito que é por isso que eu não trago às minhas produções essas experiências tão pessoais porque eu não quero que essas experiências caiam nessa lógica. Eu olho para as minhas produções do doutorado e mestrado, elas caíram nessa lógica de ter um ponto, porque o processo de mestrado e doutorado, da graduação, essa parte minha escola, é mais importante do que as produções.

Às vezes, as produções são mais importantes pelo fato de que elas engendram essa meritocracia, pois até mesmo o próprio edital do doutorado escreve “avaliação de mérito”. Dessa forma, para ter mérito, você é um número, a gente está olhando lá, o número um que está no podium, você é um número e esse número está atrelado a coisas muito fortes, pesos muito fortes e, até quando a gente tenta escapar dessa lógica, é muito difícil, é muito difícil conseguir fissurar essa lógica e agora eu não sei muito bem como vai ser porque na escola fui número um, vamos dizer assim.

Na graduação, eu podia não ser o número um no sentido das notas em Matemática, isso eu nunca fui no número um, mas eu era número um em outras coisas e ser o número um lá me proporcionou, talvez, entrar no mestrado. Nele eu não sei se me considerava o número um, mas isso eu observo, talvez, essa “perseguição implícita” pelo pódio e isso fez com que a gente caísse nessa lógica de ter que produzir ponto, ponto, ponto, ponto, ponto, ponto, ponto, porque mesmo que seja indiretamente, ela acontece!

E para a gente que é pobre, que é preto, que não está nesse espaço, que a sua família não está nesse espaço, que a sua família conta que você tenha dinheiro para mandar para eles, a gente precisa... Então, eu tive que me render e eu fui. Assim, eu fiz essas pesquisas, esses trabalhos e essas coisas, eu me dediquei e, assim, fui para o dourado. Novamente, meu pai me disse: “vai lá e vença” e, assim, eu entrei no doutorado. Eu me sinto bem, mas me sinto cansado e é um cansaço que não é de descansar, é um cansaço de estar nessa lógica em que eu queria me desprender disso, queria que as minhas produções e as minhas orientações escapassem um pouco dessa lógica, queria que as minhas bases teóricas escapassem dessa lógica, queria que as minhas atribuições como bolsista escapassem dessa lógica, mas elas não escapam e aí eu não consigo e me sinto frustrado.

Lidar com essa frustração é uma coisa que eu tenho pensado, lidar com a raiva é uma coisa que tenho pensado porque, ao longo desse tempo, a gente vai ficando com raiva e eu vou aprendendo a lidar, lidar com as minhas produções, lidar pela maneira com que eu me comunico eu vou lidando com tudo isso. Eu não gosto desse pódio, e por isso coloquei aquela pergunta acima sobre qual é o peso de ser o número um.

Agora, passando para a próxima imagem, que é a universidade, ela adora esse pódio e, por isso, eu acho que se pódio tem tudo a ver com a universidade, tem tudo a ver com isso que a universidade tem se tornado e tem tudo a ver com o pensamento da estética das pessoas que estavam naquele pódio porque se a gente olha para aquela estética, você vê muitas pessoas que seguem aquela estética dentro da universidade.

A universidade valoriza esse pódio e, ao mesmo tempo que ela o valoriza, ela parece que constrói uma narrativa que engana quem quer subverter esse pódio, ou que pelo menos tenta enganar. Quando eu digo “enganar”, digo naquele sentido de nossa! aquela coisa se não somos diversos, somos sabe, somos assim: “universidade um lugar para todos”. E aí você vai olhar não é bem assim, pois basta você olhar no seu corpo docente de professores não está, você olha nos corredores da universidade não está, você olha nos outros cursos e não está. Então assim, esse discurso de que há universidade para todos, não sei, começa a questionar esse “todos” para pensar que pessoas que estão acessando esse espaço e fico pensando será que as pessoas que acessam esse espaço são as que se rendem ao pódio?

Porque estar nesse pódio, eu estive também, mas olha a dor, olha o peso de estar nele e eu fico pensando quando vejo pessoas que não se rendem ao pódio, que não querem, e eu entendo elas, parei com aquela coisa de querer trazer todo mundo para a universidade porque não é um espaço saudável, é um espaço que está me enlouquecendo, porque eu quero trazer todo mundo para cá? Para que eu quero olhar pro meu irmão e quero que ele caia nessa lógica? Por que eu quero olhar para meu marido e quero que ele caia nessa lógica? Não! Quero que ele se sinta bem porque eu já estou capturado nesse espaço e, assim, eu perdi isso, quando olho para a universidade e quando olho para essa imagem eu fiz dois questionamentos: “Universidade para quem? Para quem ela foi pensada?”

Quando eu entrei na universidade, cheguei com uma vestimenta. Eu raspava a cabeça sempre raspei a cabeça. Na verdade, meu pai sempre raspou a minha cabeça, ele e minha mãe. Eu tenho uma foto do meu pai, olha!! Acho que a nossa relação com a nossa negritude na minha família sempre foi reprodução daquilo que estava acontecendo na sociedade, minha mãe alisa seus cabelos até hoje e vive querendo raspar meu cabelo, a gente até já discutiu por isso. A

minha tia disse: Como que o seu marido deixou você ter o cabelo assim? Como se ele tivesse que deixar alguma coisa.

A minha avó, de 78 anos, não entende porque meu cabelo é assim, tem cabelo branco assim tipo o meu [crespo], ela alisa o cabelo. Parou agora, mas alisa o cabelo, a minha mãe ainda alisa o cabelo até hoje e se tem um fio branco ela passa preto, é incrível! A gente já discutiu por isso, porém para o meu pai não é tão preso nessa parte, o cabelo dele é assim igual meu só que acho que por conta dessa pressão, ele também se rendeu e raspa o cabelo até hoje. Ele tem alguns problemas capilares também, mas antes ele não tinha e se rendeu a isso. A minha mãe também há um tempo usava o cabelo assim igual o meu, porém depois ela se rendeu a essa pressão, hoje ela usa o cabelo muito liso, ela é refém da química, muito refém.

Tanto que, por exemplo, o meu cabelo foi a última coisa que eu deixei porque eu sabia que ia ser a parte mais difícil e isso é muito difícil. Assim, eu falei que vou fazer outras coisas primeiro, vou me preocupar com a vestimenta, como que eu vou agir e meu cabelo vai ser a última coisa que eu vou deixar crescer. Eu queria conhecer como era a textura do meu cabelo porque eu nunca conheci, então não sabia como ele iria crescer, eu não sabia como ia ser esse processo de crescimento, eu não sabia como isso ia afetar os espaços que eu estava, dentre eles a universidade. Como seria no espaço da família? Como seria na rua quando estou andando? E aí ele foi crescer na universidade. Eu olho para a imagem da universidade e penso: para quem? O segundo questionamento que eu trouxe é: “que corpos experimentam desse espaço?”

Quando cheguei na universidade, cheguei com bastante sonhos, assim: “nossa é aqui! é aqui, não é?! É aqui! Se eu não conversar sobre várias coisas lá na minha cidade no interior, quando for na universidade, vai ser vai ser lá”. De fato foi lá, mas aí eu percebi que a universidade tinha outras problemáticas que não estavam dissociadas da minha outra parte da família e do interior. Não estava. As problemáticas estruturais que eu questionava estão dentro da universidade e atravessam ela, não é? Foi esse meu primeiro estranhamento quando eu cheguei na universidade. Eu raspava o cabelo, eu não falava com tantos trejeitos até porque na minha infância eu lembro do meu pai que, dependendo do lugar que eu tivesse, de como eu falasse de como eu me portasse ele me beliscava para corrigir meu jeito, depois isso passou, mas eu lembro desse beliscão para corrigir, alguns beliscões para corrigir meu jeito.

Assim, quando cheguei na universidade, eu cheguei dessa forma. Eu pensava em cursar um ano de Matemática e depois cursar outra coisa porque eu tinha muito desejo de cursar Matemática, mas eu também tinha um desejo pelas artes. E quando disse pro meu pai que eu ia

cursar Matemática nossa relação mudou, eu acho que a Matemática trouxe isso, porque ela é difícil. Lugar que tem muitos homens e isso melhorou nossa relação. Eu queria saber como era ter uma relação melhorada, queria saber como era, e eu queria essa proximidade.

E eu fui para a Matemática, é eu queria Matemática, mas quando o meu pai, a minha mãe, a minha família olhou para esse lugar da Matemática e falou assim: “É isso, não é? Parece um pouco melhor do que artes”. Aí eu olhei e falei assim: “É isso”, porque para quem o meu pai falava: “Olha não é coisa de informática, meu filho”, faça isso, faça um curso, entre nisso e quando ele descobriu que a gente podia ter acesso... Eu consegui ter acesso a uma universidade que não tinha que pagar mensalidade, isso não era o natural, não tinha como não. Porque ele falou: “Você pode tudo que você quiser, mas eu não tenho dinheiro”. Minha mãe falou: “Não tenho, porque se eu pagar uma mensalidade da faculdade a gente come o que? A gente tem que comer”. Então, com um salário que eu ganhava num escritório de contabilidade que era assim: o salário era x , eu ganhava x menos y , mas eu aceitei trabalhar porque eu tinha que ajudar em casa e o trabalho me legitimava, o trabalho me trazia isso. Então eu tinha que trabalhar, meu pai disse: “Olha, vai trabalhar, vai trabalhar” e eu fui trabalhar.

Assim, eu trabalhei três anos em um escritório de contabilidade que foi um lugar onde as pessoas apontavam a minha sexualidade. Elas só queriam discutir coisas que eu não queria discutir. Eu me lembro que na entrevista de emprego meu chefe olhou e me falou assim: “Você é gay?”. Eu olhei e falei: “Não sei, não quero falar sobre isso agora e acho que não é essa pauta. A pauta é que eu preciso de um emprego”. Assim, ele apontou isso e não era só ele que apontava, os clientes do escritório apontavam isso porque eu ia para os lugares, eu acessava diversas empresas e conversava com as pessoas e elas começaram a contar. Então, eu comecei a perceber que essa é uma pauta que eu tinha que falar em algum momento e quando eu chego na universidade, percebi novamente a necessidade dessa pauta porque eu acessei a universidade e essa minha relação com meu pai melhora, essa relação com a minha família melhora e eu estava num espaço onde não precisa pagar mensalidade. E aí eu fui buscar a forma de estar naquele espaço.

Dessa forma, como a nossa relação melhorou muito no sentido de ter mais proximidade, de conversar e tudo mais. Acessar a universidade trouxe essa perspectiva de futuro, de um futuro melhor, então para a gente foi outro universo, e aí eu falei “Não, eu vou”. Isso me lembra aquele pódio: “A primeira pessoa a fazer uma universidade”. A minha prima até então estudava enfermagem em uma faculdade particular, ela pagava muito caro e meu pai sabia que não podia pagar. Porém, nós tínhamos o dinheiro, mas nós tínhamos outras coisas em uma escala de prioridade, eu sempre olhei para aquela escala de prioridade... eu não posso deixar de comer

para fazer uma viagem, lazer a gente não tem, que lazer?! Você tem que comer, não tem lazer. Foi assim, a universidade é esse mundo de possibilidades, eu achei que eu ia ter bastante abertura para discutir várias coisas, para entender várias coisas, só que estava no curso de Matemática lá no interior, que tinha suas problemáticas, tinha suas potencialidades e tinha pouco de Matemática.

Assim, quando eu acesso o espaço da universidade, chego de uma maneira muito tímida, muito formatada porque eu chego com roupas mais “sérias”. Não, sério não é palavra, com roupas que se esperam de um rapaz a vestir como: calça jeans, camiseta e tênis. Eu chego assim na faculdade, de cabeça raspada, uma mochila. Foi na universidade aonde eu pensei que seria a possibilidade de desenvolver afetos, no sentido de relacionamento, e eu comecei a querer olhar para essas coisas e pensei: “Eu estou longe dos meus pais, eles não estão aqui, então eu vou ter esse espaço, vou conseguir conversar, eu vou conseguir me relacionar com alguém que eu tiver desejo, vou conseguir conversar com alguém sobre isso, eu vou poder enfim perguntar as coisas que eu queria perguntar, para saber se eu não estava delirando, né?”.

Assim, eu cheguei na universidade... só que a grande questão é que eu cheguei no curso Matemática, e aí eu olhava aquele curso e falava: “Eu não acredito nisso” porque nos primeiros dois anos, eu comecei a falar: “Não, eu preciso gostar de alguma coisa de Matemática no sentido da pura, no sentido da aplicada. Eu tenho que gostar é impossível não gostar”. As [disciplinas] pedagógicas eram odiadas e eu falei: “Eu vou estar bem no odiado?”. Eu já gostava, mas era melhor falar que eu gosto de outra coisa.

Eu olhava álgebra e falava: “Não é essa disciplina, eu já até reprovei nela”, olhava para o cálculo e falava assim: “Não, não é o cálculo”. Eu gosto de cálculo, mas não é com aquilo que eu quero fazer um trabalho. Olhava para a Geometria e por um bom tempo eu me escondi atrás da Geometria, eu me escondi atrás dela porque como estava nesse trabalho que era o escritório de contabilidade, começou a ficar insustentável conseguir trabalhar e viajar todo dia para a universidade. Eu sou de Nova Andradina, então eu viajava todo dia para Três Lagoas, estudava, voltava à noite bem tarde, e no outro dia eu entrava sete e meia no serviço.

Meu chefe até falou: “Não, você vai sair mais cedo”, “Nossa, você vai conseguir”. Eu saía no mesmo horário, nenhuma vez mais cedo, então eu reparei muito a ajuda dele nesse sentido, essa falsa ajuda que eu vou conseguir e é aquela coisa: já que você suportou tanta coisa, porque não suportar isso? Por que as pessoas fazem? Elas olham, veem que a gente já suportou muitas coisas e elas colocam mais um peso para suportarmos, é isso. Sendo assim, começou a

ficar insustentável porque eu comecei a ir muito mal nas disciplinas, comecei a ficar muito desanimado porque eu não conseguia me dedicar à universidade, eu não conseguia viver a universidade, não conseguia questionar, eu não consegui.

Eu cheguei no meu pai e na minha mãe e falei “Olha não dá mais para eu trabalhar, eu preciso sair do emprego”. Meu pai olhou para mim e falou: “Olha, você sempre estudou bastante, sempre foi dedicado e se você acredita que deve sair do emprego, saia do emprego, porém se programe e se organize porque a gente não pode te ajudar financeiramente”. Isso meu pai fala com muita dor porque o fato dele não poder é assim, a dor dele, e eu falei: “Tá bom pai, pode deixar” e nisso eu saí do emprego, consegui, recebi seguro desemprego e me mudei para Três Lagoas.

Eu fui e não tinha nada mesmo. Arrumei um caminhão de mudança, comprei umas coisas usadas, coloquei no caminhão e falei com meu pai e minha mãe que eu estava indo. Entrei no caminhão e fui para essa cidade, eu, mais um moço e uma moça que estudavam comigo, montamos uma república, moramos na casa do professor do lado da universidade, ele alugava a casa para a gente. Foi isso, fomos para Três Lagoas e nisso eu já estava acho que no final do segundo ano indo para o terceiro, mas eu fui. Nós montamos a nossa casa, tudo muito simples, eu recebi o seguro desemprego por um tempo e, como eu estava com mais tempo, comecei a buscar oportunidades dentro da universidade.

Eu comecei a buscar coisas e tinha o Programa institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e eu falei: “Ah, nesse aqui eu vou”. Fiz certinho, entrei no PIBID, beleza ótimo, bolsa de 400 reais e acalmou por um tempo. Ganhava bolsa, dava aulas particulares também e no final de semana, quando ia para Nova Andradina, eu dava aula particular e trabalhava de garçom no restaurante também, fazia bicos, servia pizza. Eu via meus pais e trabalhava. Na segunda ia lá de novo [em Três Lagoas], ficava a semana toda, e esse período foi muito difícil por conta do dinheiro mesmo, bem difícil.

Mas passou um tempo de PIBID e ele acabou, assim vem toda aquela reformulação. Não é que ele acabou, ele era o PIBID que os alunos podiam acessar todos os anos, mas depois veio aquela fragmentação que veio a Residência Pedagógica. Isso quando veio foi bem na transição que uma professora, que era minha orientadora do PIBID, estava aposentando e aí ela falou: “Olha Lucas, o PIBID vai acabar, eu acho que não vai ter professor que vai cuidar do programa, porque tem os critérios e alguns professores não obedecem aos critérios, eles não querem, e assim ela sugeriu o PET com a professora Márcia”. Eu falei: “Vou para o PET”, mas é muito louco isso porque há um tempo atrás essa professora conversava comigo sobre o que eu iria fazer porque como eu queria acessar muitas coisas (eu sempre fui muito curioso), ela

falou para mim assim: “Por que você não estuda formação de professores?”. Eu olhei para ela e falei: “Formação de professores!?”. Ela me falou “Sim Lucas, formação de professores, é sim” Após isso, eu olhei para ela e disse que vou fazer uma coisa na Geometria, e ela rebateu dizendo: “Não Lucas, não é Geometria”, ela ainda falou assim: “Eu vejo você sentado aqui na minha cadeira”. Respondi: “Prof. me desculpa, mas é um caminho tão árduo e eu não sei se eu quero isso” e ela rebateu dizendo: “Lucas pensa no que eu estou te falando”.

Eu lembro que na época do PIBID ainda, veio o primeiro evento que a gente enquanto pibidianos podíamos participar, e nisso foi quando eu escrevi o meu primeiro texto. Eu fiquei muito feliz porque escrevi o primeiro texto, eu vinha de um curso onde a gente fazia muitas contas e não estava preocupado com isto, não tinha texto. E eu falei: “Não, vou escrever um texto, um artigo porque aí o pessoal do PET que vai poder levar a gente no grupo porque eles vão ter um motivo maior, não vão só levar a gente para ouvir, vamos levar trabalho, a gente consegue.

Assim, ela perguntou se eu ia escrever o texto, eu respondi que sim, e assim nós organizamos tudo. Ela me deu direcionamento, me orientou e eu escrevi. Após isso, eu fui muito feliz em mostrar para ela, acho que ela abriu esse texto, ela olhou e deve ter pensado: “Nossa, esse menino acha que ele tem bastante sonho mesmo, mas ele é tão curioso que eu acho que ele tem muito potencial”. Assim, ela pegou e falou para mim: “Vamos lá na sala do segundo ano” e a gente foi nessa sala. Ela sentou do meu lado e a gente foi discutindo ponto a ponto do texto. Ela foi me falando o que era o resumo, a introdução, o que deveria ter porque tinha que ter, como que é o texto, que ideia eu estava pensando, o que eu tinha que ter no meu texto. Ela conversou comigo sobre isso a tarde toda e aquilo para mim foi fantástico, ninguém nunca tinha feito aquilo comigo porque, até dentro do próprio curso de Matemática, por conta dessas questões com relação à minha orientação mesmo, minha identidade.

Eu não tirava muitas dúvidas com os meus professores, eu preferia fazer tudo sozinho, e eu tirava dúvidas com meus colegas, mas com os professores não muito, pouquíssimo, tenho pouquíssimas lembranças sobre isso porque eu não queria, era muito resistente. Porque era violento para mim, eu não queria porque se eu me aproximasse, o professor se afastava. Se eu olhasse diferente, ele achava que eu estava olhando muito para ele, então às vezes ele fazia alguma piadinha e já naquela época eu não queria, eu ainda estava “formatado” como no começo, só que eu comecei a perceber que a minha estética dentro daquele espaço falava muito sim, e eu comecei a experimentar.

Depois desse texto que a gente participou desse evento, eu comecei a me aproximar mais da área de educação, específica a Educação Matemática, entretanto o PIBID acabou, passou um tempo já e ele acabou. E assim eu fui para o PET e no programa a gente desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão e os alunos são orientados por professores do curso, tinham outros professores também, mas naquela época eu não vi alunos com outros professores. Assim, além do curso, eu vi a tutora que é a professora Márcia e eu pensei: “Como eu prefiro ser orientado por uma mulher, eu vou querer ser orientado pela professora Márcia, eu não quero outra pessoa, se ela me pedir para trabalhar com outra pessoa eu não vou, a gente já vai ter que brigar porque eu não vou”. Quando eu entrei no PET, eu falei para ela: “Eu não quero, eu não vou, eu não tenho interesse e eu não vou”. Ela respeitou a minha opinião e a gente conversou sobre isso. Eu comecei a trabalhar com ela, mas aí entrou aquele grande desafio: por que trabalhar coisa de Educação Matemática, se eu queria trabalhar coisas de professores?

Eu queria trabalhar com coisas muito específicas, porque eu queria conhecer na verdade, eu não conhecia nada, mas lá eu era um aluno curioso e criativo e ela falou: “Olha eu topo o desafio, mas é um desafio para mim, porém nós podemos juntos” e eu falei: “Ótimo, eu preciso que a senhora tope o desafio comigo”, e assim a gente começou a trabalhar juntos. A partir dessa época de quando eu entro no PET que é o momento em que acontece mais uma virada porque eu saio desse momento em que eu chego formatado no sentido de: olha eu tenho uma vestimenta, olha eu tenho um jeito para seguir, eu tenho um jeito de andar, eu tenho um jeito de falar e eu vou para um eu que é um Lucas que hoje em dia tem muitos na universidade, que é um Lucas que experimenta a sua estética no espaço da universidade.

Quando eu questiono que corpos podem experimentar desse espaço, eu quero que meu corpo consiga experimentar esse espaço e foi nesse momento que eu questionei o meu corpo naquele espaço, eu questionei a minha estética. Após isso, comecei a colocar: “Ah, vocês estão se incomodando pelo jeito que eu estou “formatado”? Vocês estão se incomodando? Então eu vou colocar um short curto porque eu tenho vontade”. Coloquei um short curto, comecei a comprar uma roupa que era tida como de mulher comecei a comprar, porque eu já queria usar, queria saber como era e queria saber como que ia ficar no meu corpo e eu coloquei. Nisso, comecei a experimentar meu corpo naquele espaço, e foi bem difícil, foi difícil de novo!

Eu comecei a fazer as coisas que realmente tinha vontade, eu tinha vontade de colocar uma roupa que me sentisse bem, que eu me sentisse confortável porque eu ficava o dia inteiro na universidade, então eu queria me sentir bem, queria me sentir existindo naquele espaço, parecia que quando eu estava de outro jeito eu não me sentia bem, não sei, não era eu, não passava verdade, sabe? Não era a minha identidade, não era o que eu queria. Eu queria estar

daquele jeito, só que foi bem difícil porque os professores não olhavam para esses tipos de corpos na universidade, eles estavam olhando para outros tipos, para outras coisas. Foi difícil, porque eu enfrentei preconceitos, enfrentei homofobia e como eu sabia que a última coisa seria o cabelo, foi o momento onde eu experimentei do racismo novamente porque eu já havia experimentado isso antes.

Assim, quando eu digo desse racismo não foi aquela coisa escancarada, foi sutil, nas entrelinhas. Um exemplo: quando meu cabelo começou a crescer mesmo, um professor um dia me perguntou assim: "Aí você está muito afro hoje" aí eu olhei e fiquei pensando Como assim, o que é estar muito afro hoje?" Como assim? Eu não estou assim todos os dias? Não entendi" e uma vez um professor fez uma piada dentro da sala de aula, falando de um bombril aí eu olhei assim, e naquela hora quando isso acontece você não sabe reagir, você começa a pensar sobre isso depois, e hoje eu penso sobre isso mas naquela hora eu não soube reagir, aí foi difícil, foi difícil de novo, foi bem difícil.

Eu percebo que essas falas elas estão muito ligadas ao modo com que eu consigo pensar me tornar professor de Matemática, porque eu me questionava muito sobre como que eu ia me portar, como que eu ia agir, como que eu ia ser, se os alunos iam perceber ou não, como eu iria trabalhar com essa Matemática, mas a partir do momento em que eu começo olhar para essas salas e olhar para essas experiências de modo que, não é só olhar, eu começo a sentir e quando eu começo a sentir essas coisas, começo a pensar em uma possibilidade de existência enquanto professor de Matemática que consegue deixar essas coisas atreladas, porque eu não consigo separar ser o professor de Matemática de um jeito do eu que está aqui entende? Do eu que está conversando com vocês.

Ele é professor de Matemática e ele é gay, ele é bicha, ele é preto e ele é várias coisas, isso são possibilidades que estão acontecendo agora e eu entendo que no futuro pode acontecer outras coisas, então eu acredito que quando eu comecei a sentir, comecei a tensionar essas falas, esses discursos que aconteceram no âmbito da família, no âmbito do trabalho no âmbito da universidade. É um momento onde eu começo a tensionar a minha identidade enquanto professor que ensina Matemática porque eu vou começar a pensar que Matemática é essa que eu estou ensinando? Que tipo de Matemática? Que Matemáticas são essas?

Eu vou pensar inclusive nos exemplos que eu vou trazer, na Matemática que eu quero produzir, nas escolhas que a gente vai fazer em sala de aula pensando no ensino da Matemática, nas representações que a gente vai trazer para os alunos. E assim, eu me sinto como se estivesse

sendo preparado para isso e estar na sala de aula para mim vai ser assim: O MOMENTO, porque vai ser quando eu vou olhar para tudo isso que passou e vou falar: “não eu aprendi muito com tudo isso. Seja ruim, seja bom, seja o discurso que for” e vou conseguir, eu (espero) trabalhar essas coisas dentro da minha sala de aula com os alunos e acho que nessa parte do ensino aprendizagem seria nesse sentido, porque estão ligados a como eu vou ensinar na sala de aula.

Agora as coisas que aprendi e venho aprendendo e desenvolvendo, eu acho que elas são muito mais ligadas em como esses discursos potencializam algumas coisas, e isso no meu âmbito mais pessoal. Quando eu vou pra sala de aula, esses discursos me questionam a pensar sobre as Matemáticas que vou trabalhar na sala de aula e sobre que tipo de professor de Matemática que estou me tornando porque eu não consigo separar da minha identidade essas vivências dessas coisas que eu contei para vocês e chegar na sala de aula e ser totalmente diferente, não dá para separar, eu não consigo, tem gente que separa, eu não consigo dissociar essas identidades, entende?

Essas falas, elas podem afetar totalmente a aprendizagem do aluno porque quem recebe essas falas pode, por exemplo, receber um comentário racista. Ele passou por uma situação racista, passou por um preconceito, passou por uma situação de homofobia, ele pode desenvolver algo, pode não querer aprender, pode desenvolver uma aversão para a Matemática, em específico é Matemática. Ele pode sair da escola, ele vai ser excluído daquele espaço.

Esse é um processo em que essas falas são ligadas a exclusão e elas excluem esse aluno daquele espaço, é como se essas falas denunciassem e evidenciassem que aquele espaço não é para você, que você não tem direito a acessá-lo e por que você não tem direito? Porque você fere o padrão que há nesse espaço e isso acontece muito na escola e acontece muito na universidade porque quando elas veem, parece que elas tiram, elas te expulsam do espaço e quando demarcamos essa resistência de estar nesse espaço, a gente está demarcando justamente isso de falar: “não, apesar de todos esses pesares nós estamos nesse espaço, nós existimos nesse espaço e nós temos voz”.

Eu não preciso que alguém venha me dar a voz, não, eu quero falar sobre isso, eu quero sentir isso e na escola isso acontece também, pois me lembro de experiências em que sofri racismo na escola, em que eu era viadinho na escola, que eu era bixinha na escola, que eu era todas essas coisas na escola e aí eu não queria mais estudar, mas no meio do meu contexto, que era esse contexto muito trabalho, eu entendia que apesar daqueles pesares, de tudo aquilo que passava na escola, eu tinha que ser forte de novo e tinha que ir na escola.

E assim, eu ia porque eu me apegava a essa visão, essa educação dos meus pais e isso me movimentava a estar na escola e acho que essa educação, essa visão, essa necessidade nesse

mundo do trabalho, do dinheiro, dessa lógica que eu contei dos meus pais, talvez ela me movimenta também a estar na universidade. Talvez não, acho que ela me movimenta totalmente a estar na universidade, mas eu só consigo perceber isso hoje, um tempo atrás eu não conseguia perceber isso. Fui percebendo isso ao longo do processo porque o processo é mais importante do que o resultado.

Entretanto, essas coisas aconteciam, e dentro desse espaço da universidade. Eu tive a oportunidade de experimentar meu corpo nesse lugar e foram acontecendo essas coisas, porém essas coisas que aconteciam novamente eu não levava para minha cidade natal, porque chegava sexta-feira e eu voltava para aquele Lucas que entrou na universidade no começo. Eu chegava na casa dos meus pais e não comentava nada sobre isso porque como eu iria comentar com a minha mãe? Ela já queria que eu raspasse meu cabelo mesmo, ela iria falar: “Ah, que coisa não é mesmo, seu professor está falando isso, então você precisa raspar a cabeça mesmo”. Então era isso que acontecia, eu não comentava com eles sobre essa violência que acontecia na universidade. O que é bem diferente de quando eu cheguei no mestrado...

Quando eu cheguei no mestrado e agora no doutorado, eu consigo olhar para as coisas que aconteceram na graduação, consigo pensar sobre elas, consigo sentir raiva sobre elas, mas eu consigo olhar para aquilo e questionar a estrutura mesmo, a estrutura desses corpos na universidade, consigo olhar para isso e essa imagem ela me traz isso, de olhar para esses corpos na universidade.

No mestrado e no doutorado eu não senti isso diretamente com os nossos professores. Eu acho que sinto mais aquela questão do pódio, talvez por conta dessa cobrança implícita que existe, mas também não sei estabelecer um comparativo com outras pessoas, pois estou falando de uma coisa muito particular minha e não sei se os outros estão pensando sobre isso. Eu sei que estou pensando sobre isso e eu estou externalizando com você, mas eu não sei o que outra pessoa preta está pensando sobre isso, o que o outro gay está pensando sobre isso, o que uma mulher trans está pensando sobre isso, acho tem outras [coisas] que ela está preocupada, porque na universidade ela não está. Eu não sei o que uma professora preta pensa sobre isso porque a gente tem tão poucas, não é? Eu não sei o que um corpo diferente do padrão está pensando sobre isso, porque temos tão pouco também.

Então, no mestrado e doutorado eu comecei a conhecer outras coisas e comecei a sentir essa cobrança do pódio, mas era uma cobrança muito minha mesmo, parecia, mas que não é só minha porque ela é estrutural. Ela não é só de mim, os meus pais cobram bastante porque eles

demoraram a entender o que que é o Mestrado e o que era o Doutorado. Para eles, como ainda tem dinheiro envolvido nesse contexto, tudo bem porque eu tenho a bolsa. A questão do dinheiro é muito importante para mim, eu não posso falar que não é muito importante porque agora a minha mãe falou que estava feliz em arrumar os dentes, porém ela precisava juntar dinheiro e eu falei que eu ia ajudar (estou ajudando), mando dinheiro e tudo mais. Ela falou assim: "Olha, eu não vou mais poder fazer os meus dentes porque eu preciso trabalhar, e eu estou com medo porque meu dedo não está se mexendo".

Após isso, eu olhei para ela e falei: "A senhora vai fazer o que? Vai fazer cirurgia?" Em seguida, ela respondeu: "Eu vou arrumar o tendão, então eu vou pegar o dinheiro que eu estava juntando e vou continuar juntando para arrumar o tendão porque preciso trabalhar." E eu até falei isso na aula do Viola, uma que estávamos discutindo sobre seminários de tese. Nós discutimos a respeito de algumas relações do trabalho e eu falei o quanto que essas questões do trabalho pegam as famílias.

Sendo assim, estou falando de uma família preta e pobre, que é um recorte bem específico. E a minha mãe falou isso para mim, agora eu vou lá agora porque ela vai fazer a cirurgia e tudo mais, vou levar dinheiro, a gente vai conversar sobre isso e é uma coisa, não é? Então, eu acho que o que me faz resistir a estar nesse espaço da universidade, a colocar o meu corpo nesse espaço mesmo sabendo de todas as violências que eu passei, é essa possibilidade de transformação. Essa possibilidade de saber que agora que eles estão novos, eu não posso fazer nada porque não tem dinheiro, mas no futuro, na velhice, quando eles envelhecerem um pouco mais, eu vou poder.

Acho é isso que me conforta e esse é um dos motivos que me estar nesse espaço porque eu poderia ter saído da graduação e ter ido logo para o mundo do trabalho, para trabalhar um monte e não ia olhar para as coisas, ou eu teria feito outro tipo de graduação (não sei, ter feito uma faculdade particular) e ter arrumado um emprego para pagar, sabe?! Eu não olharia para isso, eu tentaria minimizar isso, ou viveria ainda com a cabeça raspada para eu não ter que olhar para isso.

Eu poderia ter feito isso, mas eu não fiz, eu quis tensionar essas coisas e isso que me coloca dentro desse espaço, e é isso que me movimenta. O espaço da universidade é isso para mim, é um espaço que ainda tem os seus corpos preferidos, não é um espaço muito plural, é um espaço violento, é um espaço que se o aluno quer sair da caixa ele não pode, mas isso é uma questão estrutural, eu não vou dizer que é uma coisa mais exclusiva da minha universidade porque não é sobre uma nomenclatura é sobre uma estrutura.

Até mesmo o próprio racismo é uma coisa estrutural, e assim eu penso em como os nossos trabalhos impactam essa estrutura, como que a gente consegue impactar, de que forma e até que ponto a gente consegue, porque nós estamos nela, não é?! Nós estamos na universidade e essa imagem ela me traz isso, esse questionamento sobre esses corpos que experimentam da universidade e que, às vezes, chegam de uma forma e se transformam em outras coisas. Eles voltam ao que eram antes e se transformam de novo, após eles se escondem atrás de algumas coisas porque é mais confortável. Os que querem se mostrar, eu acho que essa mostra dói e ela tem um preço. Eu entendo quando pessoas não querem se mostrar, pois é a mesma coisa comigo.

Eu entendo a potência da minha história, a potência da minha narrativa, mas eu entendo da onde que eu preciso falar, porque eu sei que se eu for, eu não vou ter força sozinho, e assim eu não vou, e com isso eu me sinto... talvez...fracassado? Sei que se eu for, eu não vou ter força sozinho e eu vou e me sinto talvez fracassado? E o que eu faço com esse fracasso? Mas eu entendo que o fracasso sempre esteve comigo, porque eu fracassei no que as pessoas esperavam para meu corpo, fracassei no que as pessoas esperam do meu cabelo, pois elas esperavam outras coisas e eu lido com isso, como é que eu lido com isso? É muito louco, não é?

Dessa forma, olhando para a outra imagem ela tem bastante cores, e para essa imagem eu pensei: "O que a gente ainda pode incluir nessa bandeira que não tem?". Ademais, ela me remeteu muito às minhas vivências em diferentes espaços. Eu não vou dizer na parte lá de quando eu era criança porque eu estava ocupado com outras coisas e não queria falar sobre isso, falar sobre meus relacionamentos. Na infância nem tinha isso, foi ter muito depois, e experimentar o meu corpo num relacionamento homoafetivo também é outro desafio porque a nossa estética... a minha estética e aquilo que as pessoas esperam para o meu corpo é um fracasso. Quando eu falo nesse fracasso, eu falo que não, que a gente fala: "Um homem negro tem que ser assim... tem que ser forte, tem que ser viril, ele tem que ser másculo". Tudo isso que eu não sou. Pensando sei lá, num gay, como ele deve ser? Ele tem que ser assim, tem que ser discreto, tem que falar assim, tudo que eu não sou (de novo).

Então, quando eu olho para essas cores que me remetem as minhas vivências, penso nisso, penso nessa questão eu olho para as minhas vivências, em seguida eu vejo o quanto eu tenho refletido sobre elas, e assim eu olho também e penso que algumas coisas eu já tinha entendido antes assim e quando eu digo assim, desde criança eu fui entendendo algumas coisas, fui aprendendo a lidar. Exemplo: essa questão relacionamento amoroso, como eu fui criado

olhando para a questão do mundo trabalho, estude eu não tinha espaço para outras coisas, então eu não olhava para as coisas, e hoje eu olho, mas ainda assim é muito difícil, é muito difícil é muito difícil construir possibilidade de troca nesse campo, aí eu estou dizendo de relacionamento homoafetivo, porque mesmo que nós estamos com bastante gays na universidade, mas ainda não sei, eu tenho a impressão que muitos deles ainda estão formatados demais, talvez eles estejam presos? Não sei, talvez eles não pensam sobre as coisas que eu tenho pensando? Provavelmente, me remete a isso assim.

Quando eu olho essa bandeira, eu lembro de uma experiência que tive no estágio. Em que eu entrei na escola, estava "formatado" vamos dizer assim, só que isso não impediu que as pessoas soubessem porque na escola, eu lembro de um corredor e do outro lado tinha um portão, que tinha alguns alunos que começaram a falar várias coisas de mim. Eu estava na escola andando, estava indo para a sala, e eles falaram várias coisas em relação a minha sexualidade e aí eu falei: "Nossa, vai ser difícil, vai ser difícil fazer estágio nessa escola". Só que quando entrei na sala de aula no outro dia, aconteceu que eram aqueles alunos, eles me olharam e podem ter pensado (eu acredito): "Putz, esse é professor de Matemática?!" E assim, houve aquela quebra porque eu sou professor de Matemática e ela traz isso, ela traz um pouco dessa seriedade, traz um pouco desse lugar e me senti confortável. Me lembro bem disso, e olharam assim: "Nossa, ele é professor de Matemática, tipo ele é um viadinho e professor de matemática".

Se eu me sinto representado na Matemática? Eu acho que a gente precisava questionar que Matemática a gente tá falando. Se fosse na Matemática pura ou aplicada, eu não me sinto representado. Agora na Educação Matemática, eu me sinto representado, mas eu não tenho um nome específico e eu penso que a minha voz pode ser uma voz potente para o futuro. Eu acho que é nesse sentido, porque se eu dissesse para você que eu me sinto representado, eu precisaria apontar algumas pessoas, alguns programas, alguma coisa que representasse por que a representação você pensa "Ah, o que te representa?". Vai imaginar alguma coisa e quando você fala, eu consigo pensar nas pesquisas que discutem as nossas vivências. Não sei o nome dessas pessoas, mas eu penso nessas pesquisas e de como essas pesquisas estão atravessando a Educação Matemática. Então, eu me sinto representado por essas Educações Matemáticas, acho que seria por isso, não uma pessoa em específico, mas pesquisas e contribuições que essas Educações Matemáticas... eu coloco no plural porque para mim elas são múltiplas, estão sendo desenvolvidas. Quando eu olho para a Matemática pura ou aplicada, lá eu não me sinto representado porque todas as vezes que me apresentaram matemáticos ou contribuições sempre eram de um jeito, não eram plurais, não eram diversificadas.

E como eu terminei a graduação e vim para o Mestrado e para Doutorado eu não sei muito bem como vai ser quando eu entrar na sala de aula, mas eu acredito que tenho me preparado para isso. Seja em sala de aula da universidade, seja pela educação básica da sala de aula eu tenho preparado para as relações com as pessoas, e eu fui entendendo que por mais que a gente tente mascarar alguma coisa por mais que a gente tente deixar alguma coisa não explícita sabe, as pessoas vão perceber, vão descobrir e então eu vou conversar isso logo, eu já converso, sabe?

E eu parei porque antes eu não queria falar disso, não queria falar das minhas ações, não queria falar do meu corpo na cidade. Eu não queria falar de racismo, eu não queria, mas isso não me blindava de não acontecer, então eu percebo que em espaços como o de hoje que eu posso falar sobre isso, é uma oportunidade de curar as minhas feridas, e acredito que me movimentou estar aqui. Eu olho para essa bandeira e me lembro da minha conexão com o João e eu lembro de que se eu dissesse um não para ele, eu estaria "matando uma pesquisa". Não é isso, mas eu estaria fechando uma oportunidade de discussão sobre as nossas experiências dentro da universidade, sobre esse espaço. Me lembro de uma vez também em que eu estava na universidade com um short, uma roupa normal e aí um professor olhou para mim, eu sentei e cruzei a perna. Em seguida, o professor olhou de lá da frente, ele estava dando uma aula e falou pra mim: "Senta direito porque não é assim que você deve sentar". Eu olhei, descruzei minha perna e "sentei direito".

Eu me lembro nitidamente disso, então hoje no doutorado já com uma certa maturidade, acho que consigo falar sobre isso, porque naquela época não conseguia, era choro, choro, choro, psicóloga, psicóloga, psicóloga, terapia, terapia e terapia, só isso. Foi um período bem difícil, era só isso, e não contar para meus pais porque eles já tinham problemas demais. Hoje não, hoje já é diferente, as coisas eu percebo que quando comecei a falar sobre isso, eu comecei a me curar. Não que houvesse um esquecimento, isso eu acho que não, mas houve uma certa possibilidade de discutir essas coisas, e é isso que eu tenho tentado trazer quando eu vou conversar com outras pessoas, quando eu conversar com outros alunos assim como eu, que se conectam, que tem uma relação da minha história, da história do João. E essas cores elas representam isso para mim, elas mostram essa diversidade de corpos que precisam estar na universidade, porque assim a gente consegue construir imaginários porque como que você vai sonhar alguma coisa, se você não tem essa coisa no imaginário?

Nunca foi uma possibilidade imaginativa para mim, imaginar um doutorado, não estava no imaginário. Meu pai nem sabe o que é isso, ele nem sabe o que é um doutorado; não está no nosso imaginário, não tem como você sonhar uma coisa que você não consegue nem imaginar o que é, você não sabe, você não consegue materializar aquela coisa, então é colocar esses corpos, a voz desses corpos na universidade traz isso, a voz desses corpos, do nosso corpo docente traz isso do aluno poder falar: "Não espera, eu vou levar um projeto, levar uma discussão disso porque a gente vai conseguir discutir", é sobre isso.

Assim, essas cores me remetem a isso, elas me remetem a esses corpos que devem estar na universidade, alguns não estão, mas eles devem estar, a essa pluralidade dentro da universidade. Enfim, os corpos que querem estar na universidade porque tem corpos que não estão pensando sobre isso, eles estão de fato pensando sobre outras coisas e forçar as pessoas a estar na universidade, eu acho desleal. Não é todo mundo que deseja estar aqui nesse espaço, por que esse espaço é violento, a gente que está nesse espaço já está enlouquecendo, agora imagina esses corpos sendo uma identidade negada todos os dias, tendo uma identidade que que não aparece, que não tem voz, não é possível. Os corpos que quiserem estar nesse espaço, e muitos desses que já estão nesse espaço, estão mesmo que indiretamente numa lógica de passar despercebidos. Às vezes eles são percebidos, são lidos como se todos os alunos fossem iguais, como se todos os alunos tivessem privilégios, como se todos os alunos tivessem recursos, como se todos os alunos soubessem trigonometria quando termina o ensino médio, como se todos os alunos soubessem números complexos quando termina o ensino médio, e não sabe.

A palavra todos é bem perigosa, muito perigosa, e por trás desse perigo tem aquela narrativa do pódio que está muito forte nessas imagens: "Ah não, mas já que ele conseguiu, vou conseguir também". Não vai, porque é muito difícil. É muito difícil conseguir porque eu estou aqui, tudo bem, mas e a dor de estar aqui? E o peso de estar aqui? E o sacrifício de estar aqui? São 10 anos! Quando terminar o doutorado vão ser 10 anos, o meu pai já vai ter muito mais de 60 anos, talvez ele faleça e a gente não vai poder experimentar uma de segurança financeira. Ele pode falecer e a gente não vai experimentar nada dessa segurança financeira, porque a gente experimentou tanto de uma insegurança que ficou uma coisa desesperadora.

A universidade, o curso superior, ele fornece isso para a gente, mas olha o preço de colocar o nosso corpo nesse espaço. Seria muito mais fácil raspar a cabeça, colocar uma roupa formatada, não falar sobre isso seria muito mais simples, porque quando você vai crescer outro caminho, esse é mais difícil e, às vezes, durante o nosso caminho a gente encontra barreiras dentro da instituição que nos impedem de discutir, que nos impedem de aprovar um projeto,

que nos impedem de orientar um TCC, que nos impedem de sei lá, trazer isso para nossa tese sabe?!

Que nos impedem de questionar o nosso corpo docente, que nos impedem, porque não é uma coisa direta, não é assim não, ela é sutil e nessa sutileza é que ela tem força. Desse modo, quando eu olho para essa bandeira eu vejo isso, vejo os nossos corpos, corpos igual meu, corpos diferentes do meu, os nossos corpos na universidade, as nossas vivências dentro da universidade e o quanto elas precisam ser cada vez mais esterilizadas, mais discutidas, mais conversadas e mais fortalecidas para que se construa uma coletividade, para que se construa essa ponte entre a gente e tantas outras existências, tantas outras pessoas. E é isso que eu tenho feito, é isso que eu tenho tentado criar, tentado criar essas possibilidades porque eu entendo que a minha dissertação, que a minha tese, que o meu TCC não é o mais importante, o mais importante é o processo e o que eu posso fazer com esse processo. Que tensões eu posso criar com esse processo? Porque, assim, quando penso nisso eu não enlouqueço e pensando no questionamento que eu coloco com relação a essa bandeira é: "Que outras cores a gente pode incluir nessa bandeira?" e "Quais silenciamentos ainda acontecem por trás dessa Bandeira?"

Porque, às vezes, as essas vivências, essas experiências e esses corpos eles estão na universidade, mas eles são muito silenciados e esses silenciamentos causam um certo apagamento nesses corpos, e isso para mim é uma coisa muito complexa da gente discutir. Por conta dessa falta de senso coletivo, dessa coletividade, a gente não encontra com quem conversar, com quem dividir, com quem nos fortalecer, não encontra. A gente também não constrói no nosso imaginário essa possibilidade de coletividade dentro da universidade e, se não está no nosso imaginário, a gente não pode sonhar com isso.

Enfim, caminhando para a última imagem, de todas as imagens que vocês me mostraram, acho que para mim é a que me causa mais dor. E quando eu digo dor não sei se é aquela dor que eu vou ficar aqui preso no quarto chorando pensando nisso, não é essa dor, eu acho que é essa dor aí parece com as dores que a minha mãe sente, que meu pai sente, que eu sinto. Essa dor é aquela dor de saber que ela sempre vai existir e que não vai mudar, eu acho. Por exemplo, minha mãe tem muitas doenças crônicas e tudo mais e ela sempre trabalhou (igual agora o problema do dedo), então eu acho que essa dor, esse incômodo que a gente sente na carne mesmo, então essa imagem me remete ao racismo e também à essas dores, ela me remete ao preconceito, ela me remete a homofobia, ela me remete a isso assim...

Esses pares de olhos verdes, azuis e amarelos elas me remetem a isso, esse monte de olhos que estão nos olhando. E ela me lembra dessa dor que é uma dor que não passa. Curar essas feridas é uma coisa que demora e eu nem sei se é possível, não sei se consigo acreditar nisso, nessa narrativa de que "vamos conseguir", onde que "vai dar tudo certo", eu tenho um pouco de receio para pensar sobre isso, até para pensar sobre liberdade, paz, amor. É difícil a gente pensar sobre isso, porque a gente precisa pensar: que corpo vai experimentar essa liberdade?, que corpo vai experimentar desse amor?, que corpo que vai experimentar essa paz? Paz para quem? Para que? Paz em que contexto, o que é essa paz?

Eu não sei se eu já experimentei sobre essas coisas, eu acredito que experimentei, mas me desequilibrei várias vezes, tive uma vida que foi se desequilibrando, que eu fui aprendendo a lidar com as coisas, sentindo algumas coisas e não romantizando elas porque o ruim daquele pódio é que ele romantiza as coisas. Ele diz que qualquer pessoa vai conseguir, que é só você se esforçar, é só você sentar e estudar 10 horas por dia que você vai conseguir, e isso é tão difícil, não é? Porque quem vai estudar 10 horas por dia não vai conseguir um emprego, não vai ter que trabalhar. Agora se você tem que trabalhar 8 horas por dia, você não vai estudar 10, porque você tem que trabalhar 8, não faz sentido nenhum. Então aquele pódio traz isso mesmo. E olha como é, várias vezes eu estou me remetendo aquele pódio, parece que estou preso a ele.

Eu escrevi assim, e eu coloquei o questionamento: "O que queremos mostrar com isso, com essa imagem?" E assim eu vi algumas semelhanças, semelhanças da nossa cor, da minha com a dele, semelhanças em questão do cabelo, semelhanças com o choro que me remete a essa dor. Só que aí esses olhos que estão ali, eles parecem não fazer nada e, por isso, que eu coloquei: "a dor parece dar prazer a eles" e eu escrevi aqui do lado assim, eu até escrevi em letras maiúsculas que "RACISMO É DOR INCURÁVEL". Porque, não sei se é possível, porque é estrutural e é difícil tensionar essa estrutura, saber viver com ela, conviver com ela, e pensar nossas pesquisas, pensar nosso trabalho, enfim pensar tudo isso.

Eu olho no âmbito familiar, vi o racismo lá. Eu olho no âmbito do trabalho e vi o racismo lá, por exemplo: Algumas vezes meu chefe esquecia dinheiro lá, sabe? Mas não era um dinheiro em cima da mesa não, era um dinheiro perto do lixo jogadinho no chão, é um dinheiro num cantinho como se fosse: "Ah eu deixei cair", parecia que estava me testando e eu sempre achava esse dinheiro e colocava na mesa dele. Então, assim, eu percebia isso e eu falava: "Nossa, como assim, o que será que ele está pensando?".

Esse braço do racismo estava lá também, nos meus relacionamentos também estava bem forte e, às vezes, eles estão até hoje em algumas falas e ainda é preciso questionar muitas. Eu ainda questiono muito meu marido sobre isso, sobre algumas falas que, às vezes, ele faz e aí eu

percebo que de novo essa reprodução do racismo estava lá. Na universidade ele estava bem forte, muito mais forte na época da graduação, mas agora na pós parece que os títulos nos fornecem acesso a outros lugares, mas eles não nos isentam do racismo, eles não nos isentam da violência e ousou dizer que eles fornecem até uma sensação de uma falsa liberdade. Quando eu olho para a família, ele também estava lá.

Enfim, eu consigo ver que esses olhos estão em todo lugar nos contemplando, mas que esses olhos nada fazem porque se fosse para fazer alguma coisa, teríamos que ser nós mesmos, pois os outros não vão fazer, eles não querem fazer, não estão se preocupando com isso, com essas pautas. Acho que eles acreditam que isso não atravessa eles e, na verdade, atravessa porque todo mundo está em uma sociedade, então todas as pautas devem ser de todo mundo e não exclusividade de alguns, não deveria acontecer, não deveria ser, porém é bem difícil.

Então, foi o que eu consegui pensar com as imagens, o que me provocou com essas imagens. É que falar sobre isso foi um exercício importante para mim, pude pensar sobre a minha história, sobre algumas coisas que eu trago para vocês e o que essas imagens me provocaram. Ainda assim, desejo pensar em uma imagem diferente para cada uma que vocês me mostraram porque, às vezes, eu olho e acho que é tão diferente do meu contexto e é isso que eu consegui pensar. E eu espero ter contribuído, mas assim eu trago a minha vivência, minha experiência e trago as provocações também.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DE SINGULARIDADE

A partir da narrativa produzida acima, vamos refletir sobre as falas que mais nos chamaram a atenção no decorrer da narrativa observando as relações com o objetivo inicial desta monografia. Sendo assim, optamos por realizar uma análise de singularidade, pois “pretendemos olhar cada pessoa envolvida como ‘única’, observando suas experiências e memórias muitas vezes tão singulares [...]” (ROSA, 2017, p. 173).

Dessa forma, vamos olhar para essas vivências singulares de Lucas relatando nossas percepções a respeito do que nos foi apresentado, criando assim uma nova narrativa. Ademais, utilizaremos alguns autores como base teórica de discussão para refletirmos sobre excertos da narrativa. Outrossim, os trechos retirados da fala Lucas serão representados em itálico para diferenciar sua fala das citações.



A narrativa de Lucas é marcada por lembranças em relação à discursos de cunho preconceituoso e as consequências destes na vida dele. Falas que estavam presentes no âmbito familiar, escolar e de trabalho. Além disso, é perceptível em sua fala as situações de que ocorriam na escola e tiveram grandes repercussões na sua vida adulta como a dificuldade de fazer amigos ou ter qualquer relação mais profunda com outros indivíduos.

Outra vertente forte desta narrativa é o racismo que foi uma forma violenta de preconceito sofrida durante toda a vida de Lucas e que também moldou aspectos de sua formação pessoal e acadêmica, sendo criado de uma maneira mais rígida para não correr riscos que uma pessoa preta¹⁷ enfrenta na sociedade. O termo racismo, a partir da perspectiva de Almeida (2019): “[...] é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.” (p. 22)

Diferentemente das expressões preconceito racial e discriminação racial, as quais a primeira refere-se ao “juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado” (ALMEIDA, 2019, p. 22), podendo resultar em práticas hostis, excludentes, as quais entra o conceito de discriminação racial que pode ser descrito como uma

¹⁷ Lucas se posiciona como pessoa preta, assumindo uma posição política.

atribuição de tratamentos diferenciados a membros de grupos racialmente identificados (ALMEIDA, 2019). Podemos observar que ao decorrer da narrativa de Lucas, ele pôde ter o desprazer de vivenciar estes três tipos de violência como apresentado no trecho a seguir:

[...] por conta da nossa cor, eu sempre tive uma educação muito pensada para tais situações: "Não corra!; Seja muito educado nos ambientes; Agradeça". Minha mãe sempre frisou muito tais atitudes, até mesmo a maneira como ela me vestia era diferente, sempre me deixando muito alinhado, certinho, parece que sempre fui muito criado com a roupinha passadinha, blusinha para dentro, chuteira.

Vários estranhamentos e incômodos podem perpassar em nossas mentes quando eu tento imaginar esta situação em que uma criança deve tomar cuidado com sua vestimenta, com o que fala e o que faz para não correr risco de ser violentada. Termos como “alinhado” e “certinho” são expressões que podem moldar a vivência do indivíduo pelo medo que o racismo e suas vertentes possam acabar com a vida dessa criança. Essas expressões são reflexo do que a sociedade impõe para a comunidade negra, moldam família a partir do medo e da violência, sendo que o racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência. (ALMEIDA, 2019)

Este racismo se estende muito além da infância de Lucas, sendo presente em quase todos os momentos de sua vida até o momento, sendo essa prática mais agravante na universidade, que foi um ambiente onde o preconceito racial partia de muitas direções, acompanhado de outras formas de violência como a homofobia ou à respeito de sua aparência física e também de sua vestimenta. Enfim, o seu modo de viver era discriminado por pessoas que estavam completamente fora de seus ciclos que utilizavam a violência verbal e psicológica como forma de agressão.

Não era a minha identidade, não era o que eu queria, eu queria estar daquele jeito, só que foi bem difícil porque os professores não olhavam para esses tipos de corpos na universidade, eles estavam olhando para outros tipos, para outras coisas, e aí foi difícil, porque eu enfrentei preconceitos, enfrentei homofobia e como eu sabia que a última coisa séria o cabelo, foi o momento aonde eu experimentei do racismo, novamente né porque eu já havia experimentado isso antes, e assim quando eu digo desse racismo não foi aquela coisa escancarada, foi sutil, nas entrelinhas.

Um exemplo: quando meu cabelo começou a crescer mesmo, um professor um dia me perguntou assim: "Aí você está muito afro hoje" aí eu olhei e fiquei pensando Como assim, o que é estar muito afro hoje?" Como assim? Eu não estou assim todos os dias? Não entendi" e uma vez um professor fez uma piada dentro da sala de aula, falando de um bombril aí eu olhei assim, e naquela hora quando isso acontece você não sabe reagir, você começa a pensar sobre isso depois, e hoje eu penso sobre isso mas naquela hora eu não soube reagir, aí foi difícil, foi difícil de novo, foi bem difícil.

Com isso, a caminhada de Lucas se tornava cada dia mais dificultada dentro da universidade, mas ele não se deixou levar por essas formas de perseguição e de discriminação

escancaradas. Assim, com a obtenção do título de Mestre, a recorrência com que ele sofria racismo, preconceito e discriminação racial diminuiu, mas este não o tipo de situação em que a vivência serve como aprendizagem, esta é uma situação que deixa marcas na alma: “*RACISMO É DOR INCURÁVEL*”.

Na universidade ele estava bem forte, muito mais forte na época da graduação, mas agora na pós parece que os títulos eles nos fornecem acesso a outros lugares, mas eles não nos isentam do racismo, eles não nos isentam da violência e ousou dizer que eles fornecem até uma sensação de uma falsa liberdade.

Com isso, vieram algumas inquietações: os títulos acadêmicos diminuem a incisão do racismo, da homofobia e do preconceito? Ou ele se torna mais velado?

Estas podem ser formas de questionar a estrutura da universidade, por que um aluno da graduação sofre mais preconceito que um aluno da pós-graduação? Ademais, em se tratando de um acadêmico negro e homossexual, a estrutura apenas se torna mais rígida e reprodutora do racismo estrutural, que pode ser ampliado em processos políticos e históricos assim como afirma Almeida (2019):

O racismo é processo político. Político porque, como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político; caso contrário seria inviável a discriminação sistemática de grupos sociais inteiros. (p. 35)

Por ser processo estrutural, o racismo é também processo histórico. Desse modo, não se pode compreender o racismo apenas como derivação automática dos sistemas econômico e político. A especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social. (p. 36)

Sabemos que o racismo estrutural é um problema que ainda é atual e perturba a comunidade negra, com uma estrutura de “inferiorização, isolamento e comprovação” da perversidade da inserção do negro no meio acadêmico brasileiro, argumentando sobre as dificuldades de estar nesse meio, dificuldades que trazem consigo e expectativas que são geradas, assim como Lima (2001) apresenta em sua pesquisa.

Em consonância com Lima (2001), Lucas também é pressionado por essa estrutura da universidade que coloca muitas expectativas em cima dele, sobre notas, sobre trabalhos, sobre sua estética como apresentado no excerto a seguir: “[...] *a minha estética e aquilo que as pessoas esperam para o meu corpo é um fracasso*”. Fracasso, pois está fora do que é (im)posto e aceito socialmente. Uma sociedade... pessoas que, em muitos casos, não se reconhecem como miscigenadas e atacam o considerado diferente.

Essa expectativa sobre a vida é ainda mais dolorosa quando parte do meio familiar, que neste caso é a mãe, pai e irmão; esta formação de família negra se rendeu ao racismo estrutural de tal forma que a mãe de Lucas alisa seus cabelos crespos até hoje, seu pai raspa os cabelos e Lucas parece ser o único “ponto fora desta curva” que representa sua estrutura familiar, que

deixa sua negritude fluir, que não se normaliza como resistência contra o preconceito (ALMEIDA, 2019).

No que diz respeito à família, lembro o leitor que utilizamos algumas imagens para formular o roteiro da narrativa de Lucas, e quando chegamos na imagem da família seu primeiro apontamento foi que “Esta família não me representa!!!”. Assim, uma figura que para nós poderia não ter nenhuma problemática, para Lucas foi uma explosão de emoções e pensamentos. Falas como: “*ontem, quando você mandou as imagens, parte de mim não quis falar;*” ou “*aquelas imagens me provocam experiências, me senti muito provocado*”, nos fazem refletir, e até me sentir um pouco culpados por termos escolhido elas.

É importante ressaltar que nosso foco neste trabalho não são as questões de raça e, por isso, não escolhemos uma família negra, ademais, pode ser que nossas concepções tenham influenciado nesta escolha. Entendemos que discursos relacionados à raça são muito presentes na narrativa de Lucas, mas discutiremos a interseccionalidade entre gênero, raça, entre outros aspectos sociais em trabalhos futuros.

Durante a entrevista percebemos que o atravessamento de raça se fazia bastante presente na fala de Lucas, e não havíamos cogitado que a imagem da família teria um impacto tão grande para ele. Assim, vimos os sentimentos que essas imagens despertavam em Lucas, sentimentos esses que ele gostaria de manter guardado em uma caixinha dentro de si, mas que ele decidiu compartilhar conosco. Neste momento, não havíamos pensado em selecionar uma figura com uma família negra parecida com a estrutura da família dele nem também uma família branca que não o representa, mas uma família de desenho que, ao nosso ver, não seria algo desrespeitoso, pois nosso foco aqui não é a raça, mas entendemos que nossa visão, nossas crenças podem ter afetado nas escolhas das imagens.

Além disso, ele observou um esquema de pirâmide presente na figura da família, tal que Ferreira e Ferreira (2021) apontam que “[...] no topo da pirâmide encontram-se os homens brancos, abaixo as mulheres brancas, por fim, homens negros e mulheres negras, essa estando na base da pirâmide.” (p. 6). Lucas não vê sua estrutura familiar dessa forma, ele nos conta que sua mãe e seu pai lutam de forma igualitária para conquistar os objetivos, porém a situação financeira da família sempre foi uma vertente de suma importância.

Seus pais trabalhavam o dia todo para conseguir pagar as contas em dia em sua infância e, com o passar dos anos, eles foram envelhecendo e foi surgindo a necessidade de Lucas ajudar com as despesas. Dinheiro era um assunto de extrema importância para eles, haja vista que eles

se abdicaram de lazer e outros “luxos” para poder se sustentar. A segurança financeira era um objetivo difícil de se alcançar, considerando que sua família era “[...] *preta e pobre, que é um recorte bem específico*” e “[...] *nós tínhamos outras coisas em uma escala de prioridade, eu sempre olhei para aquela escala de prioridade... eu não posso deixar de comer para fazer uma viagem, lazer não a gente não tem, que lazer?!*”

Infelizmente, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁸ do ano de 2020 retirados da internet, a população preta ou parda é a que mais sofre com as taxas que mostram comparações a respeito do mercado de trabalho para a população branca e também para a população negra, reforçando a desigualdade social existente em nosso país.

1. Um dos principais indicadores do mercado de trabalho, a taxa de desocupação foi, em 2019, de 9,3%, para brancos, e 13,6% para pretos ou pardos.
2. Entre as pessoas ocupadas, o percentual de pretos ou pardos em ocupações informais chegou a 47,4%, enquanto entre os trabalhadores brancos foi de 34,5%.
3. A população ocupada de cor ou raça branca ganhava em média 73,4% mais do que a preta ou parda. Em valores, significava uma renda mensal de trabalho de R\$ 2.884 frente a R\$ 1.663.
4. O rendimento-hora de brancos com nível superior era de R\$ 33,90, enquanto pretos e pardos com o mesmo nível de instrução ganhavam R\$ 23,50 por hora trabalhada.
5. Entre as pessoas abaixo das linhas de pobreza, 70% eram de cor preta ou parda. A pobreza afetou mais as mulheres pretas ou pardas: 39,8% dos extremamente pobres e 38,1% dos pobres.
6. 45,2 milhões de pessoas residiam em 14,2 milhões de domicílios com algum tipo de inadequação. Desta população, 13,5 milhões eram de cor ou raça branca e 31,3 milhões pretos ou pardos. (BRASIL, 2020, n.p.)

Lucas estava inserido dentro desses dados estatísticos, sendo de uma família preta e pobre. Ele precisava adentrar em todo e qualquer projeto da universidade que fosse lhe dar um retorno monetário, para dar um suporte à sua família no intuito de sair desses dados supracitados. Assim, ele foi moldando seu currículo pensando nessas questões monetárias, entrou no PIBID com bolsa, finalizou a graduação e, em seguida, buscou mais uma vez o “pódio”, precisava ser o melhor para entrar no Mestrado com bolsa.

Eu participei de tanta coisa que eu fiz um currículo pensado nesses pontos para disputar as bolsas, porque eu já entendi que eu precisava, que o dinheiro é importante para mim e também para minha família também, sendo até mesmo importante para minha existência e eu precisava dele, então eu fiz.

¹⁸ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29433-trabalho-renda-e-moradia-desigualdades-entre-brancos-e-pretos-ou-pardos-persistem-no-pais#:~:text=A%20pobreza%20afetou%20mais%20as,3%20milh%C3%B5es%20pretos%20ou%20pardos.>
Acesso em: 21 out. 2022.

O pai dele também teve grande influência nessa lógica de bolsas dentro da universidade, ele incentivava-o dizendo “*vai lá e vença*”, e assim Lucas o fez, sendo a primeira pessoa de sua família a se formar, o primeiro a fazer mestrado, o primeiro colocado no processo seletivo da pós-graduação. Ele já havia caído na lógica de produção da universidade que, por sua vez, caía no racismo estrutural e era necessário fazer algo com relação a isso: “[...] *para a gente que é pobre, que é preto, que não está nesse espaço, que a sua família não está nesse espaço, que a sua família conta que você tenha dinheiro para mandar para eles, a gente precisa...Então eu tive que me render, e eu fui.*”

Outrossim, Lucas carrega esse peso durante anos sem comentar com seus pais qual era a verdadeira realidade na faculdade, sem comentar os preconceitos sofridos por ele durante anos para poupá-los de conhecer esse outro lado da instituição, tendo que ser forte para aguentar toda essa carga emotiva e financeira sozinho “[...] *eu não comentava com eles sobre essa violência que acontecia na universidade*”.

Portanto, um tópico a ser discutido atualmente é a segurança financeira de pessoas negras que passam pela mesma situação que Lucas, até quando vamos permitir que exista essa distinção entre brancos e negros, os quais fazem acreditar que foram “[...] *criados para trabalhar*”? Este é outro ponto de destaque desta narrativa, essa insegurança financeira molda muitas de suas atitudes em relação à sua família e à faculdade e, mesmo assim, com todos esses obstáculos postos em sua vida, ele não desistiu desse meio acadêmico.

Outra percepção diz respeito ao período escolar de Lucas, quando ocorreram diversas situações de silenciamento, preconceito e racismo. Ao olhar para a imagem do roteiro que representava a escola, logo ele comentou: “*não sei se eu estaria sorrindo nessa imagem*”. Na imagem, os alunos estavam sorrindo e parecendo estar em um ambiente feliz e agradável. Novamente sentimos outra quebra de expectativa, não esperávamos receber essa indagação dele e isso nos fez pensar em cada aspecto que ele comentava sobre sua vivência na escola e com os estudos.

Isso nos leva para uma provocação que colocamos no documento enviado para Lucas, colocamos uma imagem de um pódio no roteiro, pois ele havia comentado conosco que sempre tirava boas notas e sempre estava em boas colocações em competições da escola, vestibular etc. Em decorrência disso, descobrimos que esse fato é uma das coisas que ele não digere facilmente: “[...] *esse pódio é bom porque a gente acessa algumas coisas, e ser o primeiro também tem coisas boas, mas ele é ruim, ele me sufoca.*”, essa ambiguidade de pódio coloca

muita pressão sobre os alunos e esse sufoco é apresentado na pesquisa de Alves, Torres, Dionísio e Abrantes (2016) que apontam a teoria a qual os alunos podem ser enquadrados em um “quadro de excelência” se atingirem determinada nota, sendo que os alunos que não atingem esta nota são considerados como “não excelentes”.

Nessa direção, podemos observar a pressão que é estar na primeira posição desse pódio e o peso que o discente carrega consigo ao estar lá em cima. Por isso, Lucas questiona: “*Qual é o peso de ser o número um?*” comentando que não gosta de estar nessa posição de pressão e de visibilidade: “*Eu não gosto desse pódio, e por isso coloquei aquela pergunta acima sobre qual é o peso de ser o número um.*” com essa afirmação fica evidente que ao longo de toda sua trajetória escolar e acadêmica Lucas se sente pressionado com essa questão do pódio. Esta questão de estar em primeiro lugar nas coisas que faz, essa pressão de não ter para onde ir a não ser descer os degraus do pódio e perder os “prestígios” que ele traz.

Em contrapartida, ele afirma que: “[...] *a universidade ela adora esse pódio;*” e como ela adora! Exemplo disso são os editais das universidades que disponibilizam bolsas para os graduandos utilizando métodos de classificação como a Avaliação de Mérito ou a Análise de Coeficiente de Rendimento. Além disso, também pode ser comentada a Análise do Currículo Lattes, que busca observar se o discente participou de projetos, elaborou textos acadêmicos, participou de eventos para obter uma pontuação na tentativa de adquirir uma bolsa. A universidade faz com que essa lógica de produção e competitividade seja aceita como normal, priorizando uma educação de qualidade para “todos”, mas quem faz parte deste todo?

[...] esse discurso de que há universidade para todos, não sei, começo a questionar esse “todos” para pensar que pessoas que estão acessando esse espaço e fico pensando será que as pessoas que acessam esse espaço são as que se rendem ao pódio?

Nessa perspectiva, devemos apontar nossos olhares para quem deveria estar na universidade, fazendo questionamentos do tipo “*universidade para quem? Para quem ela foi pensada?*”, “[...] *que corpos experimentam desse espaço?*” Onde estão as alunas travestis? Os(As) alunos(as) transgêneros? As(Os) professoras(es) negras(os)? Se todos deveriam estar na universidade, onde estão essas pessoas? Será que essas pessoas, esses corpos, têm espaço e podem experimentar a universidade?

Portanto, é necessário analisarmos quem faz parte desse TODO a qual universidade e os Direitos Humanos se referem, Lucas pensa sobre esta palavra e os perigos que estão por trás dela. “*A palavra todos é bem perigosa, muito perigosa, ela é muito perigosa, e por trás desse perigo tem aquela narrativa do pódio que está muito forte nessas imagens*”. A educação para todos é ainda uma realidade um pouco distante, mas que pode se concretizar se devidamente

implementada, medidas de aderência ao todo já estão sendo tomadas como o sistema de cotas por exemplo, ou cota de estudante em escola pública. Entretanto negros e pessoas que estudaram no ensino pública fazem parte do todo, resta agora a universidade correr atrás das outras comunidades desse todo.

Uma parte desse todo são as pessoas com gênero e sexualidades desviantes, onde Lucas também está inserido, mas que por conta de violências como a homofobia enfrentada no âmbito escolar era reprimida por ele. Lucas nos conta que chegou de uma maneira formatada no ensino superior:

*[...] quando eu acesso o espaço universidade eu chego de uma maneira muito tímida, muito formatada; [...] chego **formatado** no sentido de: olha eu tenho uma vestimenta, olha eu tenho um jeito para seguir, eu tenho um jeito de andar, eu tenho um jeito de falar e eu vou para um eu que é um Lucas que hoje em dia tem muitos na universidade, que é um Lucas que experimenta a sua estética no espaço da universidade, porque quando eu questiono que corpos podem experimentar desse espaço eu quero meu corpo consiga experimentar desse espaço sabe, e aí foi nesse momento que eu questionei o meu corpo naquele espaço, eu questionei a minha estética.*

Essa formatação descrita acima é como se fosse uma válvula de escape da violência bastante utilizada por pessoas que desviam da heteronormatização, que pode ser definida por (COHEN, 1997 *apud* GUSE, 2022, p. 22): “Por ‘heteronormatividade’ quero dizer tanto aquelas práticas localizadas quanto aquelas instituições centralizadas que legitimam e privilegiam a heterossexualidade e as relações heterossexuais como fundamentais e ‘naturais’ dentro da sociedade.”

Infelizmente em nossa sociedade essa a realidade atual, onde as pessoas que desviam dessa norma sofrem com o preconceito e a discriminação dentro e fora da sala de aula, podendo isso ser evitado dentro das escolas se o professor e a comunidade escolar se posicionarem a favor da diversidade. Guse (2022) acredita que a escola se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença, condenando outras formas de gêneros e sexualidades. Isso se passa na escola, e se repete na graduação, formas de violência contra formas de vida, as quais Lucas define que o espaço da universidade, “*esse espaço é violento*” e de fato é para aqueles que porventura não se encaixem nessa heteronormatividade.

Diante disso, vimos que se colocar no espaço da universidade pode ser exclusividade de algumas pessoas, mas Lucas conseguiu adentrar nesta instituição e está fazendo seu nome nela podendo rever situações que ocorreram dentro deste ambiente e analisar sua jornada.

[...] agora eu consigo olhar para as coisas que aconteceram na graduação, consigo pensar sobre elas, consigo sentir raiva sobre elas, mas eu consigo olhar para aquilo e consigo questionar a estrutura mesmo, a estrutura desses corpos na universidade

mesmo não é, consigo olhar para isso e essa imagem ela me traz isso assim de olhar para esses corpos na universidade;

Nesta retrospectiva acadêmica que ele faz na fala acima, é possível notar sua relação com as situações de preconceito racial e homofobia sofridas por ele ao longo de sua jornada acadêmica. Muitas vezes, em situações de preconceito de qualquer natureza, nossa tendência é não ter uma reação de defesa naquele momento, nos silenciemos em relação à essas formas de violência. Porém, estar nesse ambiente da universidade é necessário para que haja possíveis mudanças futuras na vida das pessoas.

Uma faculdade nos dias atuais pode nos dar melhores oportunidades de emprego e os títulos de Mestre e Doutor podem melhorar mais essas oportunidades. Isso faz com que Lucas persista neste espaço, pois ele precisará ajudar seus pais no futuro, assim como eles o ajudaram a chegar onde ele está. Ele também deseja ter uma boa vida financeira atuando em escolas ou universidades, não só como professor, mas com um posicionamento “*professor de matemática, gay, preto, bicha e várias coisas*” .

[...] o que me faz resistir a estar nesse espaço da universidade, a colocar o meu corpo nesse espaço mesmo sabendo de todas as violências que eu passei é essa possibilidade de transformação, essa possibilidade de saber que agora que eles estão novos eu não posso fazer nada porque não tem dinheiro, mas no futuro, na velhice quando eles envelhecerem um pouco mais eu vou poder, e acho é isso que me conforta, e esse é um dos motivos que me que me faz estar nesse espaço;

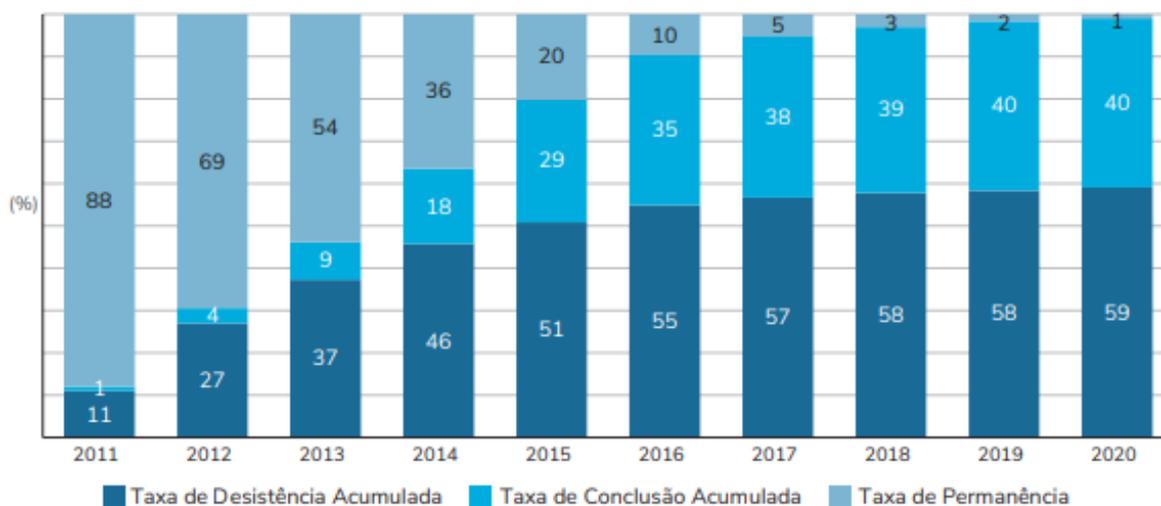
Sendo assim, levando em consideração que os indivíduos presentes na universidade reproduzem este tipo de violência contra pessoas com gênero e sexualidades desviantes, qual a lógica em defender que todos vão para a universidade?

É necessário colocar em uma balança os prós e contras de adentrar em uma universidade, pois muitos indivíduos que adentram nesse espaço não possuem as condições ideais para permanecer nele, “*Porque quem vai estudar 10 horas por dia não vai conseguir um emprego, não vai ter que trabalhar, agora você tem que trabalhar 8 horas por dia, você não vai estudar 10, porque você tem que trabalhar 8, não faz sentido nenhum.*”. Por isso, muitas pessoas acabam não concluindo o Ensino Superior, pois o poder de escolha entre colocar comida na mesa ou estudar não é uma realidade que muitos vivem.

De acordo com dados de 2020 retirados do INEP, “Em 2020, foram oferecidas mais de 19,6 milhões de vagas em cursos de graduação, sendo 73% vagas novas e 26,7%, vagas remanescentes.” (BRASIL, 2020, p. 17), apesar dessa demanda, somente “ [...] 23% foram preenchidas, enquanto apenas 8,3% das vagas remanescentes foram ocupadas no mesmo período.” (BRASIL, 2020, p. 18). Outrossim, podemos observar que o índice de desistência diz respeito a quando o aluno desiste de seu curso de ingresso, por meio de desvinculação e ou

transferência do curso (BRASIL, 2020). Assim, como mostra o gráfico da Evolução da Média dos Indicadores de Trajetória dos Ingressantes em Cursos de Graduação de 2011 no Brasil, no período de 2011 a 2020:

Figura 3: Censo da Educação Superior de 2020



Fonte: Censo da Educação Superior de 2020

Dados os fatos supracitados, gostaria de trazer mais uma fala de Lucas que representa a discussão dos dados acima sobre as consequências dessa desistência do Ensino Superior e sobre sua temporada dentro dessa estrutura, que é criada para uma população em específico. Nesta visão, Lucas é um ponto fora da curva:

[...] eu quis tensionar essas coisas e isso que me coloca dentro desse espaço, e é isso que me movimenta. O espaço da universidade é isso para mim, é um espaço que ainda tem os seus corpos preferidos, não é um espaço muito plural, é um espaço violento, é um espaço que se o aluno quer sair da caixa ele não pode, mas isso é uma questão estrutural, eu não vou dizer que é uma coisa mais exclusiva da minha universidade porque não é sobre uma nomenclatura é sobre uma estrutura.

Estes corpos preferidos da universidade nos fazem acreditar que somos a minoria¹⁹ nestes ambientes, em relação à quantidade, mas é completamente o oposto. Ao andar pela universidade, podemos observar uma pluralidade de pessoas que frequentam esse lugar, então quem é essa maioria que é defendida?

¹⁹ É importante ressaltar que, nesta parte do texto, estamos entendemos minoria como uma questão quantitativa e essa colocação foi proposital a fim de problematizar, porém em discussões no grupo GEduMaD nos aprofundamos neste tema e não utilizamos os termos maioria e minoria para representar movimentos e comunidades como negros, LGBTQIA+, pessoas com deficiência etc. Adotamos a expressão grupos vulneráveis, conforme traz a Unesco em seus documentos.

Homossexuais não são minoria, negros e mulheres também não são, acreditamos que, com base nos dados, esse olhar sobre os grupos vulneráveis dentro da universidade deve tomar um outro rumo, que não seja o apagamento ou o silenciamento.

Assim, a visão de “dar a voz”, como Lucas menciona, deve extinguir: *“Eu não preciso que alguém venha me dar a voz, não, eu quero falar sobre isso, eu quero sentir isso”*. Nesta perspectiva de acordo com Orrú (2017):

Para ouvir vozes é preciso uma escuta sensível, a fim de não apenas escutar rumores, ademais, compreender os sentidos e os significados embutidos na linguagem do outro. Seguem nas próximas linhas algumas vozes de sobreviventes à exclusão, mas também de vitimados de mecanismos do *apartheid* que impera no seio da sociedade. As vozes ecoaram aquilo que desejaram enunciar, sem intervenções do outro que as ouvia. (p. 77)

Desse modo, escutar se torna muito mais que uma ação isolada, sendo uma atitude que respeita as vozes de pessoas LGBTQIA+ e também de pessoas com gêneros e sexualidades desviantes que foram (e ainda são) diariamente silenciadas na mídia, na escola e na família. Às vezes apenas o ato de escutar pode salvar vidas, espalhando o que essas pessoas têm a dizer que contribua com os movimentos em prol da causa LGBTQIA+ no mundo.

Porque, às vezes, as essas vivências, essas experiências e esses corpos eles estão na universidade, mas eles são muito silenciados e esses silenciamentos causam um certo apagamento nesses corpos, e isso para mim é uma coisa muito complexa da gente discutir. Por conta dessa falta de senso coletivo, dessa coletividade, a gente não encontra com quem conversar, com quem dividir, com quem nos fortalecer, não encontra. A gente também não constrói no nosso imaginário essa possibilidade de coletividade dentro da universidade e, se não está no nosso imaginário, a gente não pode sonhar com isso.

Muitas vezes é posto isso de “dar a voz” e parece que quando você adentra neste ambiente universitário esse discurso aumenta cada vez mais, sendo disseminado como forma de inclusão da comunidade LGBTQIA+ e das sexualidades desviantes. Entretanto, nós possuímos nossa própria voz, precisando apenas que essa voz seja ecoada, escutada por todos. Concordamos com Lucas quando diz *“[...] minha voz pode ser uma voz potente para o futuro”* e realmente é, pois vozes que podem servir de exemplo para outros que se identifiquem com gêneros e sexualidades desviantes. Assim, como Pozzatti (2018),

[...] os diálogos com tais pessoas me mostraram a militância e a força que elas representam em suas respectivas comunidades, trazendo para as entrevistas usadas no filme não só um teor de denúncia, mas também um teor de desbravamento, de resistência e de empoderamento dos corpos negros LGBT ²⁰(p. 2)

Além disso, artistas da comunidade LGBTQIA+ que possuem um maior alcance de voz e representatividade como: Linn da Quebrada, Preta Gil, Ludmilla etc, são de suma importância para espalhar essas vozes que foram e são silenciadas por tanto tempo “[...] mostrando assim a

²⁰Sigla adotada pelo autor do texto, neste trabalho adotamos a sigla LGBTQIA+

potência dessas vozes e corpos negros LGBT, muitas vezes silenciadas” (POZZATTI, 2018, p. 2).

A discussão sobre gênero e sexualidades desviantes é necessária na escola para mostrar que os alunos têm uma rede de apoio, como um professor com quem contar ou um colega que também se identifica pertencente à comunidade. Lucas nos conta a respeito de como será sua atuação docente, haja vista que ele não teve essa rede de apoio na vida escolar dos alunos.

[...] como esses discursos eles potencializassem em algumas coisas, e me fizessem sempre...sabe parece que eles potencializam algumas coisas, e isso no meu âmbito mais pessoal, agora, quando eu vou pra sala de aula esses discursos eles me questionam a pensar sobre as Matemáticas que vou trabalhar na sala de aula e sobre que tipo de professor de Matemática que eu estou me tornando, porque eu não consigo separar da minha identidade essas vivências dessas coisas que eu contei para vocês e chegar na sala de aula e ser totalmente diferente, não dá para separar, eu não consigo, tem gente que separa, eu não consigo dissociar essas identidades, entende?.

Além disso, ele também comenta que esses discursos afetam diretamente a aprendizagem dos alunos, como os alunos que estão passando por situações de preconceito racial e de gênero vão ter concentração para assistir uma aula de Matemática e aprender esta disciplina com o melhor aproveitamento possível?

[...] elas podem afetar totalmente a aprendizagem do aluno porque o aluno que recebe essas falas ele pode, por exemplo, receber um comentário racista. Ele passou por uma situação racista, passou por um preconceito, ele passou uma situação de homofobia ele pode sei lá desenvolver algo, pode não querer aprender, pode desenvolver uma aversão para a Matemática, em específico é Matemática. Ele pode sair da escola, ele vai ser excluído daquele espaço.

Esse é um processo em que essas falas são ligadas a esse processo de exclusão e elas excluem esse aluno daquele espaço, é como se essas falas denunciasses e evidenciassem que aquele espaço não é para você, que você não tem direito para acessá-lo e por que você não tem direito?

[...]então eu acredito que quando eu comecei a sentir eu comecei a tensionar essas falas, esses discursos que aconteceram no âmbito da família, no âmbito do trabalho no âmbito da universidade é um momento onde eu começo a tensionar a minha identidade enquanto professor que ensina Matemática, porque eu vou começar a pensar que Matemática é essa que eu estou ensinando, que tipo de Matemática, que Matemáticas são essas, eu vou pensar inclusive nos exemplos que eu vou trazer, na Matemática que eu quero produzir, nas escolhas que a gente vai fazer em sala de aula pensando no ensino da Matemática, nas representações que a gente vai trazer para os alunos.

Como já mencionado anteriormente, em minha primeira Iniciação Científica identificamos o que assuntos que envolvem a comunidade LGBTQIA+ devem ser melhor explorados na formação dos professores para que estes sejam capazes de lidar contra situações de violência dentro do ambiente escolar. Além disso, também percebemos que pré-conceitos, estigmas e *bullying* afetam os discentes que se sentem pertencentes à comunidade acima, e nesta

segunda IC ampliamos ainda mais o público afetado por essas ações, incluindo pessoas que se consideram com gênero ou sexualidades desviantes.

Dado o exposto, conseguimos perceber por meio do relato dele esses processos de violência, como o distanciamento dele com os professores e sua dificuldade de fazer amigos, tornando-o uma criança excluída dos demais, que desde cedo já passava por questões de racismo, homofobia e outros tipos de violência, sem ter a quem recorrer nessa luta. Isso talvez como um modo de se proteger de falas e atitudes preconceituosas. Agora crescido, ele consegue olhar para trás e lembrar do professor que ele precisou quando sofria tais pré-conceitos, e proporcionar aos seus alunos o que ele não teve, o acolhimento.

E ainda, podemos refletir sobre como a Matemática representa Lucas, o qual “*na Matemática pura aplicada eu não me sinto representado, agora na Educação Matemática me sinto representado*”. É dever dele buscar por essa inclusão ou é um direito? E por que esse sentimento de acolhimento e de pertencimento não perpassa todos os ramos da Matemática? Há Matemáticas exclusivas para determinados corpos?

Ademais, esses discursos se espalham no ambiente educacional como reprodução da educação, costumes e crenças de alunos, das famílias. Isso abre brechas para que violências como o *bullying*, racismo e homofobia possam ser disseminadas em sala de aula e, caso a escola não tome providências para extinguir essas falas dentro desse ambiente, tais ações vão continuar ocorrendo, sendo consideradas “o normal de uma sala de aula”. O que seria esse normal? Há um padrão? Lucas comenta sobre a relação dele com o *bullying* e a família:

[..] às vezes, ocorria o *bullying* que eu preferia não contar para ela [mãe] para não preocupá-la e essa foi uma das primeiras coisas que me fez perceber que havia coisas que eu não iria comentar, pois ela já estava com muitas preocupações com o sustento da família.

Vamos fazer uma troca de papéis neste trecho, se coloque no lugar de uma criança negra que estava descobrindo sobre sua sexualidade e imagine que a situação descrita acima acontecesse com você. Como podemos auxiliar essa criança que necessita de ajuda sem o apoio da família e da escola que, na época, eram os únicos ciclos que ele tinha?

Nenhum ser humano deve passar por tais situações sozinho, sem apoio e ainda tendo que aguentar preconceito sobre seu modo de viver. Lembrando que a situação apresentada acima foi vivenciada e enfrentada por uma criança que não tinha para onde nem para quem recorrer, criando assim um adulto cheio de cicatrizes e de marcas dessas violências sofridas ao longo de sua vida.

Em decorrência disso, Lucas desenvolveu problemas que se estendem até os dias atuais, como a dificuldade de fazer amigos e também enfrentou obstáculos para se posicionar ou tirar

dúvidas com os professores durante o período da graduação. O que parece ocorrer com menos frequência agora que ele está na pós.

Eu não tirava muitas dúvidas com os meus professores, eu preferia fazer tudo sozinho. Eu tirava dúvidas com meus colegas, mas com os professores não muito, pouquíssimo, tenho pouquíssimas lembranças sobre isso porque eu não queria, era muito resistente. Porque era violento para mim, eu não queria porque se eu me aproximasse o professor se afastava, se eu olhasse diferente ele achava que eu estava olhando muito para ele, então às vezes ele fazia alguma piadinha e já naquela época eu não queria, eu ainda estava “formatado” como no começo, só que eu comecei a perceber que a minha estética dentro daquele espaço falava muito.

Na narrativa de Lucas é bem presente a questão da formatação, da normalização para se encaixar, passar despercebido, não chamar atenção, não sofrer preconceitos ou violências.

O quadro de referências não estabelece-se e subsiste por si, ele necessita de constante investimento para mantê-lo como norma vigente. Este investimento requer um conjunto de técnicas e tecnologias, que consistem em modos de produção, que atravessam os corpos e os constituem – as chamadas tecnologias de poder – via ajustamento de condutas. Assim, o quadro de referências instaura-se, à medida que produz o sujeito operante e reiterante deste, estabelecendo códigos de condutas de um ser “forma(ta)do”. Todavia, as tecnologias de poder e formatação dos sujeitos não são absorvidas em sua totalidade, mas são negociadas, torcidas, tracionadas, deslocadas à medida que encontram tecnologias de resistência. (POLIZEL, 2018, p. 387)

Quando era mais novo, Lucas cedeu à formatação, recebeu algumas repreensões e beliscões para conter seus trejeitos, mas com o tempo, após questionamentos pessoais sobre o modo como deveria se comportar, vestir e cortar o cabelo, começou a resistir.

Os discursos e/ou atitudes preconceituosas também estavam presentes no âmbito do trabalho, onde as pessoas sentiam a necessidade de fazer especulações a respeito do gênero e sexualidade de Lucas, isso estava presente tanto em entrevistas de emprego quanto após sua entrada na empresa. Os colegas de trabalho de Lucas violavam sua intimidade apontando questionamentos pessoais que não tinham a ver com as atividades que ele iria desenvolver, o que é um completo desrespeito com o funcionário: “*eu trabalhei 3 anos em um escritório de contabilidade, que foi um lugar assim onde as pessoas apontavam a minha sexualidade, elas só queriam discutir coisas que eu não queria discutir.*”

[...] eu vi o racismo lá no âmbito do trabalho, por exemplo: Algumas vezes meu chefe esquecia dinheiro lá, sabe? Mas não era um dinheiro em cima da mesa, não, era um dinheiro perto do lixo jogadinho no chão, é um dinheiro num cantinho como se fosse: “Ah eu deixei cair” parecia que estava me testando e eu sempre achava esse dinheiro e colocava na mesa dele Então assim, eu percebia isso e eu falava: “Nossa, como assim, o que será que ele está pensando?” Então esse braço do racismo estava lá também[...]

Ao contar suas lembranças, Lucas as ressignifica com um olhar do presente constituídas por pessoas, lugares e acontecimentos que a partir de como foram vividos, atribuem significados (ROSA, 2013). Ao narrar, as lembranças do passado vem involuntariamente, a

partir de situações cotidianas ou quadros sociais no presente, assim trazemos à tona a reminiscência. Ao mesmo tempo, o narrador organiza os fragmentos de memória voluntariamente, não significando acesso direto ao passado, mas sim a necessidade de um tempo para organizá-los e recompô-los, o que chamamos de lembrança (ROSA, 2013). Freitas e Fiorentini (2007) dizem que a narrativa é um “[...] modo de estudar/investigar a experiência, isto é, como um modo especial de interpretar e compreender a experiência humana, levando em consideração a perspectiva e interpretação de seus participantes.” (p. 63).

As vivências de Lucas nos fazem refletir nas milhares de histórias que existem por aí, mas são silenciadas, às vezes, por medo ou preconceito e, até mesmo, por falta de oportunidades em apresentar seus apontamentos, anseios e lutas. Antes isso tudo era uma questão de morte para a comunidade LGBTQIA+ e pessoas com gêneros e sexualidades desviantes, mas agora essas questões devem ser postas e discutidas para diminuir os impactos causados por todos os tipos de preconceito contra a comunidade negra e as comunidades supracitadas.

[...] eu entendo quando pessoas não querem se mostrar, pois é a mesma coisa comigo. Eu entendo a potência da minha história, a potência da minha narrativa, mas eu entendo da onde que eu preciso falar, porque eu sei que se eu for, eu não vou ter força sozinho, e assim eu não vou, e com isso eu me sinto... talvez...fracassado? Sei que se eu for, eu não vou ter força sozinho e eu vou e me sinto talvez fracassado? E o que eu faço com esse fracasso? Mas eu entendo que o fracasso sempre esteve comigo, porque eu fracassei no que as pessoas esperavam para meu corpo, fracassei no que as pessoas esperam do meu cabelo, pois elas esperavam outras coisas e eu lido com isso, como é que eu lido com isso? É muito louco, não é?

O processo de relembrar dessas situações se mostrou muito benéfico para Lucas e para nós também, haja vista que nos conectamos com sua história e sentimos toda a carga emocional que ele carregou durante todo esse tempo. Ele diz: “[...] percebo que em espaços como o de hoje que eu posso falar sobre isso é uma oportunidade de curar as minhas feridas”. Percebemos a potência desse exercício de rememoração por meio de imagens para a constituição da narrativa (auto)biográfica: “[...] foi um exercício importante para mim, eu pude pensar sobre a minha história, sobre algumas coisas que eu trago para vocês, e o que essas imagens me provocaram”

Por último, quisemos analisar as singularidades de Lucas a respeito da imagem a seguir presente no roteiro da narrativa:

Figura 4: "A dor parece dar prazer para eles"



Fonte: Arquivo Pessoal

Elaboramos essa imagem, pois imaginamos que ela iria remeter as dores que o racismo e a homofobia provocaram em Lucas e de fato isso ocorreu, mas as falas dele a respeito dessa imagem foram as falas que mais me tocaram durante toda a narrativa. Não sei se fiquei mais tocado pelo fato de serem dores parecidas, mas a cada palavra que Lucas pronunciava, eu sentia mais e mais vontade de trabalhar com essa temática para que mais vozes como a dele sejam escutadas.

Enfim, caminhando para a última, que de todas as imagens que vocês me mostraram, eu acho que para mim é uma imagem é a que me causa mais dor. E quando eu digo dor não sei se é aquela dor que eu vou ficar aqui preso no quarto chorando pensando nisso, não é essa dor. Eu acho que é essa dor aí parece com as dores que a minha mãe sente, que meu pai sente, que eu sinto. Essa dor é aquela dor de saber que ela sempre vai existir e que não vai mudar eu acho, por exemplo, minha mãe ela tem muitas doenças crônicas e tudo mais, e ela sempre trabalhou (igual agora o problema do dedo), então acho que essa dor, esse incômodo que a gente sente na carne mesmo, então essa imagem me remete ao racismo e também à essas dores, ela me remete ao preconceito, ela me remete a homofobia [...]

Diante disso, podemos pensar em formas de lutar contra esse preconceito, por isso essas discussões já começaram a ser implementadas nos Direitos Humanos desde 2008 e, em 2019, foi incluída na constituição a lei que criminaliza a homofobia. Entretanto, mesmo com a adição desta lei, as mortes contra essas comunidades ainda são recorrentes no Brasil, sendo um dos países que mais mata LGBTQIA+ no mundo.

Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989.

Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Pena: reclusão de um a três anos e multa. (BRASIL, 2020)

Essas práticas têm mostrado o quão importante mundialmente é essa pauta, pois essa não é uma luta apenas das pessoas LGBTQIA+, mas também de seus familiares, amigos e toda a comunidade ao redor dessas pessoas que acreditam que somos minorias e que, por isso, estes

assuntos não interferem de modo direto em suas vidas: *“acho que eles acreditam que isso não atravessa eles e, na verdade, atravessa porque todo mundo está em uma sociedade, então todas as pautas devem ser de todo mundo e não exclusividade de alguns, não deveria acontecer, não deveria ser, porém é bem difícil.”*

Sem o auxílio e respeito da sociedade, nossa luta se torna cada vez mais dificultada, porém, isso não vai fazer com que abduquemos de nossos direitos que demoraram décadas para serem conquistados, levando várias vidas com essa luta. A criminalização da homofobia foi uma grande vitória para nossa comunidade e agora nosso próximo passo é monitorar que essa lei seja cumprida até o momento em que não precise mais ser usada, seja para gays, lésbicas, bissexuais, travesti, transgêneros ou negros.

Portanto, finalizamos a análise da narrativa de Lucas e observamos o quão importante essa narrativa foi. Pudemos conhecer muito mais a respeito de sua história e, particularmente, pude me conectar com ela expressando minha visão a respeito dos fatos que ele contou. Essa parte da monografia foi de suma importância para mim, pessoalmente e academicamente, pois pude perceber ainda mais que este trabalho é essencial para acabar com a ideia de uma Matemática exclusiva e que existe espaço nela para discutir assuntos sobre a comunidade LGBTQIA+ e pessoas com gênero ou sexualidades desviantes.

CAPÍTULO 5 - PARA NÃO CONCLUIR...

Este seria o capítulo destinado às conclusões finais do TCC, entretanto a junção de experiências que tive ao decorrer da elaboração deste documento me faz acreditar que não cheguei às conclusões desse assunto, mas sim apenas adentrei em uma profunda discussão que engloba muito mais que as relações entre a comunidade LGBTQIA+ com o ensino e a aprendizagem.

Um exemplo disso foi a narrativa produzida que gerou muito mais do que havíamos previsto com o objetivo inicial da pesquisa, tendo atravessamentos que devem ser comentados e melhor trabalhados futuramente como a interseccionalidade entre questões de gênero, sexualidade, raça e pobreza. Desse modo, para mim estas não são considerações finais, mas sim novas perspectivas que se abrem para que haja mais aprofundamento sobre a temática para que assim possamos auxiliar na educação de todos.

Além disso, ver e ouvir Lucas comentando, mesmo que implicitamente, as situações de preconceito e homofobia que ele sofreu dentro do meio escolar e acadêmico me fez lembrar muito do que eu também vivi. Ser um garoto afeminado não era algo bem visto na escola, os garotos faziam comentários homofóbicos, para as garotas éramos como um “chaveirinho” e o restante da comunidade escolar nem nos via. Então, ver a expressão dele ao relatar cada parte, ouvir o tom de sua voz e os tropeços nas palavras remetem muito mais que uma narrativa para mim, pois quem viveu essas situações sabe do que ele realmente está falando.

Ademais, agora na graduação novamente enfrento situações de homofobia, assim como Lucas também enfrentou, a qual uma pessoa utilizou um momento de apresentação em uma aula para disseminar suas falas preconceituosas contra a comunidade LGBTQIA+, ainda usou sua religião como desculpa (ou um escudo) para tal feito. Pode não parecer, mas situações como essas ocorrem diariamente nas vidas de pessoas dessa comunidade e Lucas e eu somos apenas duas das milhões de pessoas que não se enquadram nos padrões da heteronormatividade.

Diante de tudo exposto, desde a Iniciação Científica de 2021 até a presente Monografia, percebemos que o objetivo da pesquisa se voltou para identificar como discursos de preconceito, estigma e *bullying* afetam uma pessoa pertencente a grupos vulneráveis discriminados por conta do gênero e sexualidade, além de trazer reflexões e discussões a fim de acabar com

essa discriminação dentro da Matemática. Assim, trago um excerto retirado E-book²¹ Diferença de Gênero e Sexualidade na Educação: estudos, pesquisas e intervenções, o qual Santos e Braga (2018) reforçam essa conclusão:

[...] quando se trata da sexualidade dos mesmos, a coisa é mais complexa e, é neste momento que devem apoiar eles. E isso, afeta no desempenho do aluno na escola, cabendo também à escola refletir sobre maneiras de evitar que a centralidade na heteronormatividade produza exclusões sociais educacionais com desdobramentos no cotidiano escolar como possibilidade do fracasso do aluno na escola. (p. 131)

Nessa direção, observamos que o desempenho de Lucas foi afetado, mas na perspectiva de estudar mais, ir além para mostrar que podia tanto quanto os outros ou mais, o que o privou de um convívio social e de uma vida simples durante a graduação e até mesmo na pós-graduação. Diante disso, Silveira e Silva (2018) ressaltam as dificuldades em se trabalhar com essa temática em sala de aula e isso foi percebido pelas pesquisadoras no decorrer do Estágio Supervisionado, quando surgiram por observações dessas futuras pedagogas ao analisarem as “expressões das sexualidades das crianças”.

Nesse sentido, vamos dialogar a respeito de alguns questionamentos que surgiram durante nossos estudos, sendo este o primeiro: “*Como podemos incluir (de fato) este tema dentro de uma sala de aula no ensino regular e acadêmico?*”. Agora, em possível resposta, podemos introduzir esta temática utilizando a transversalidade presente na Matemática, elaborando as aulas de acordo com os perfis da turma sempre respeitando as individualidades de todos.

Posteriormente, retomando o objetivo desta Monografia que identificar como discursos de pré-conceito, estigma e *bullying* afetam uma pessoa pertencente a grupos vulneráveis discriminados por conta do gênero e sexualidade, além de trazer reflexões e discussões a fim de acabar com essa discriminação dentro da Matemática, observamos que a pesquisa narrativa por meio da narrativa (auto)biográficas proporcionou várias discussões que abrangem o propósito deste trabalho.

Assim, pode-se dizer que percebemos na narrativa discursos que moldaram como o narrador se expressava dentro da sala de aula, como não conseguia fazer uma interação com outros colegas, não tirava suas dúvidas com o professor, além do surgimento de uma necessidade de sempre estar em primeiro lugar para mostrar seu valor, como se fosse uma necessidade para suprir um vazio, que foi posto pela sociedade a sua volta como forma de se redimir da homossexualidade.

²¹ Livro disponível para leitura na internet. Neste caso, o E-book traz vários trabalhos acadêmicos do evento: Anais do II Encontro Maranhense Sobre Gênero, Educação e Sexualidade – EMGES. 20 a 23 de março de 2018.

Outro aspecto percebido foi a relação desses discursos com o preconceito racial e sexual que Lucas sofreu. Muitos dos discursos de ódio que ele recebeu durante o período escolar e acadêmico ainda o assombram, sendo cicatrizes de um preconceito que ocorre todos os dias nas escolas do Brasil. Dessa forma, podemos caminhar para nosso segundo questionamento: “*Como mostrar a grande importância desse tema para a comunidade escolar e familiar?*”.

Poderíamos colocar em discussão todos os dados e informações a respeito da temática preconceito, racismo, gênero e sexualidade na escola, mas acredito que a informação mais valiosa é o relato de Lucas que mostra todo o caminho árduo que ele percorreu para chegar onde está, nos apresentando suas dores, vitórias e fracassos. Então, a importância desta discussão se resume na preocupação de que futuros alunos não precisem passar pelas mesmas dificuldades que Lucas passou, tornando este assunto natural à Matemática e à comunidade escolar. Assim, juntando uma boa escolarização às boas condições de ensino, o processo de aprendizagem se torna mais adequado levando em consideração outras vertentes necessárias que constroem a aquisição.

Por conseguinte, é perceptível as influências que esses processos de *bullying* tiveram na formação de Lucas, pois para ele foi uma tarefa difícil retomar todos estes acontecimentos que traziam consigo grandes cargas emotivas e lembranças que ele havia guardado no âmago de seu coração. Esses sentimentos violam as individualidades dele e os precursores desses discursos resumem Lucas a uma única característica de sua existência que é a homossexualidade.

É possível perceber na narrativa que isso também serviu de combustível para que ele continuasse a crescer no âmbito pessoal e acadêmico atingindo seus objetivos, uma perspectiva de um futuro melhor, auxiliando em pesquisas como esta que escutam as vozes dessas pessoas, mas isso não ocorre com todas as pessoas. Alguns podem desistir dos estudos e de oportunidades por conta desses discursos preconceituosos.

Outro questionamento que vamos tentar responder é: “*Quais assuntos são importantes para a formação dos alunos? E dos professores?*”. Assuntos que mostrem dados, informações e situações de apoio para alunos da comunidade LGBTQIA+ ou com gênero e sexualidades desviantes, que não envolvam os binarismos masculino/feminino, homem/mulher e estereótipos heteronormativos como a “família tradicional brasileira”, por exemplo. Isso inclui mais representatividade da comunidade LGBTQIA+ nas práticas docentes que pouco aparecem nas atividades propostas, livros e materiais para ensino.

Dessa forma, fazendo um apanhado geral das pesquisas utilizadas juntamente com a narrativa de Lucas, podemos perceber que estudos sobre gênero e sexualidade na educação vêm crescendo ao decorrer dos anos com publicações de livros, Teses e Dissertações que discorrem sobre essa temática, expandindo o meio acadêmico da Educação (Matemática). Assim, ressaltamos a importância da discussão desse tema em vários âmbitos e, por isso, esse trabalho não termina aqui, esse é só o começo. Além disso, foi possível notar que as potencialidades de uma narrativa são infinitas, podendo interligar aspectos extracurriculares da aprendizagem com os assuntos tratados na escola visando bem estar do indivíduo dentro e fora deste ambiente.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. As Narrativas de si Resignificadas pelo Emprego do Método Autobiográfico. In: SOUZA, E. C de; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs) **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 149-169. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Ax_qftC2SVcC&oi=fnd&pg=PA135&dq=pesquisa+narrativa&ots=2IARZIOchK&sig=zt-i8HRtKYiGuw8OWPkk23s7IQE#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 23 out. 22.
- ALMEIDA, S. L de. **Racismo estrutural: Feminismos Plurais**. Edição Digital. São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.
- ALVES, M. G; TORRES, L.L; DIONÍSIO, B; ABRANTES, P. (orgs). **A Educação na Europa do Sul. Constrangimentos e Desafios em Tempos Incertos**. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/44249/1/comunicacao.pdf>>. Acessado em: 22 out. 22
- ANDRÉ, M. O que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educação? **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/download/7441/4804>>. Acessado em: 22 out. 22
- ARAÚJO, F. R. S; FIGUEIREDO, R. E. **A Criminalização da Homofobia pelo Supremo Tribunal Federal e os Possíveis Limites na Formação dos Precedentes Criminais**. 2020. Disponível em: <[A criminalização da homofobia pelo Supremo Tribunal Federal e os possíveis limites na formação dos precedentes penais | Figueiredo | Revista Thesis Juris](#)>. Acesso em: 25 out. 22
- ARROYO, M. G. **Vidas ameaçadas: Exigências Respostas Éticas da Educação e da Docência** – Petrópolis, RJ : Vozes, 2019.
- BRASIL. **Censo de Educação Superior de 2020** - Notas Estatísticas. Disponível em: <[censo da educação superior 2020 - notas estatísticas](#)>. Acesso em: 22 out. 22.
- BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Discriminação e violência contra a população LGBTQIA+**: relatório da pesquisa / Conselho Nacional de Justiça; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. – Brasília: CNJ, 2022. Disponível em: <[POPULAÇÃO LGBTQIA+](#)>. Acesso em: 25 out. 22.
- BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <[Trabalho, renda e moradia: desigualdades entre brancos e pretos ou pardos persistem no país | Agência de Notícias](#)>. Acesso em: 22 out. 22.
- BRASIL. **Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2021 / Acontece Arte e Política LGBTI+**; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2022. Disponível em: <[Dossiê de Mortes e](#)>

[Violências Contra LGBTI+ no Brasil 2021 \(ACONTECE - ANTRA - ABGLT\)](#)>. Acesso em: 25 out. 22.

CARDOSO, H. M de. **“O que é normal pra mim pode não ser normal pro outro”**: a abordagem de corpo, gênero e sexualidades nas licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe, Campus Aracaju. 2016. 143 f. Universidade Federal de Sergipe, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4772/1/HELMA_MELO_CARDOSO.pdf>. Acesso em: 21 set. 2022.

CONRADO, A. L. **Diversidade, Diferença e Currículo de Matemática**: relações entre macropolíticas e o tempo dos atores na escola. 2019. 191 f. Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: <[DIVERSIDADE, DIFERENÇA E CURRÍCULO DE MATEMÁTICA: relações entre macropolíticas e o tempo dos atores na escola](#)>. Acesso em 21 set. 22.

DESIDÉRIO, R. S da. **Educação em Ciência e Sexualidade**: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre sexualidade no aluno. 2009. 125 f. Universidade Estadual de Maringá, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/4444/1/000171338.pdf>>. Acesso em: 25 set. 22.

FRANÇA, F. F; SASSO, A.G.; CORDEIRO, A.F. **Educação em Direitos Humanos**: um relato de experiência do estágio de docência com o uso de WebQuest. *Communitas*, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 312–333, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/4645/140>>. Acesso em: 25 set. 22.

FREITAS, J. G. S; ROSA, F.M.C da. **Compreensões acerca dos processos de inclusão/exclusão**: como pré-conceitos, estigmas e *bullying* podem afetar no ensino e na aprendizagem da Matemática. In: ALENCAR, Edvtonete Souza de. *Diversidades e Práticas Inovadoras*. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021. p. 100 - 111. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1PDQdWnlBVkv2v5W_KHQTdLlya8Rt0r1p/view>. Acesso em: 25/09/2022.

Gondim, D. M., & Miarka, R. (2017). A Constituição de um Plano de Intensidades: aprender e matemática e diferença e escrita-avalanche e.. *Perspectivas da Educação Matemática*, 10(22), pp. 115-131. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/3359/7314>>. Acesso em: 24 set. 22.

GUSE, H. B. **Pesquisas com Pessoas LGBTI+ no Campo da Educação Matemática**: Indagando Processos de (Cis-Hetero)Normatização da Área. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022. 135 f. Disponível em: <https://pemat.im.ufrj.br/images/Documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/2022/MSc_118_Hygor_Batista_Guse.pdf>. Acesso em: 24 set. 22.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico** – de Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, A. **A Legitimação do Intelectual Negro no Meio Acadêmico Brasileiro**: negação de inferioridade, confronto ou assimilação intelectual?. *Afro-Ásia* [en linea]. 2001. Disponível em: <[A legitimação do intelectual negro no meio acadêmico brasileiro: negação de inferioridade, confronto ou assimilação intelectual?](#)>. Acesso em: 22 out. 22.

- MAISTRO, V. I. A de. **Projetos de orientação sexual na escola: seus limites e suas possibilidades**. 2006. 243 f. Universidade Estadual de Londrina, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000115892>>. Acesso em: 22 out. 22.
- MARGUES, P. A. **Tolerância: fundamentos, visão internacional e impactos na educação**. 2016. 108 f. Universidade Metodista de São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1630/2/Paula%20Margues.pdf>>. Acesso em: 22 set. 22.
- MARTINS, C. “**O que é normal pra mim pode não ser normal pro outro**”: a abordagem de corpo, gênero e sexualidades nas licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe, Campus Aracaju. 2016. 143 f. Universidade Federal de Sergipe, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4772/1/HELMA_MELO_CARDOSO.pdf>. Acesso em: 22 set. 22.
- MARTINS, I. M. **Gênero e sexualidade na formação de professores: uma análise curricular do curso de licenciatura em Matemática da universidade virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP)**. 2020. 84 f. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/192365/martins_im_me_sjrp.pdf?sequen ce=3&isAllowed=y>. Acesso em: 22 set. 22.
- MORAES, L. M. Intolerância, direitos humanos e socialização no ambiente escolar. **Revista Interdisciplinar de direitos humanos**, v. 2, n. 2, p. 69-87, 2014. Disponível em: <<https://www3.faac.unesp.br/ridh/plugins/generic/pdfJsViewer/pdf.js/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Fwww3.faac.unesp.br%2Fridh%2Findex.php%2Fridh%2Farticle%2FviewFile%2F203%2F102#page=3&zoom=auto,-13,622>>. Acesso em: 22 set. 22.
- OLIVEIRA, J. M. D de; MOTT, L. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil: relatório 2021**. 1. ed. Salvador : Editora Grupo Gay da Bahia, 2022. Disponível em: <mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.
- ORRÚ, S. E. **O re-inventar da inclusão: os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender**. Edição Digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- PAIVA, V. L. M. O de. **A Pesquisa Narrativa: Uma Introdução**. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lang=pt>>. Acesso em: 23 out. 22.
- PALANCH, W. B. de L; FREITAS, A. V. Estado da Arte como método de trabalho científico na área de Educação Matemática: possibilidades e limitações. **Revista Perspectiva da Educação Matemática**, Campo Grande Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, v.8 n.18, p. 784-802, jun-dez, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/867/983>>. Acesso em: 23 out. 22.
- PASSOS, C; GALVÃO, C. Narrativas de formação: Investigações Matemáticas na Formação e na Atuação de Professores. **Revista Interações**, Vol. 7, n. 18, p. 76-103. jul. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/517/1/R4%281%29.pdf>>. Acesso em: 23 out. 22.

POZZATTI, G. **Vozes negras e LGBT no documentário Duas Vezes Senzala**. 2018.

Disponível em: [Vozes negras e LGBT no documentário Duas Vezes Senzala | Anais do SEJA - Gênero e Sexualidade no Audiovisual](#) . Acesso em: 23 out. 22.

POLIZEL, A. L. Narrativas gays: tecnologia da normalidade e a violência simbólica.

Colloquium Humanarum, vol. 15, n. Especial 2, jul–dez. 2018, p. 387-392. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2018/suplementos/area/Humanarum/Educa%C3%A7%C3%A3o/NARRATIVAS%20GAYS%20TECNOLOGIA%20DA%20NORMALIDADE%20E%20A%20VIOL%C3%8ANCIA%20SIMB%C3%93LICA.pdf>. Acesso em: 23 out. 22.

RICOEUR, P. Existence et herméneutique. **Dialogue: Canadian Philosophical Review / Revue canadienne de philosophie** , VoL. 4 , n.1 , jun. 1965 , p. 1 - 25. Disponível em:

[Existence et Herméneutique* | Dialogue: Canadian Philosophical Review / Revue canadienne de philosophie | Cambridge Core](#) > . Acesso em: 23 out. 22.

RODRIGUES, S. S. **Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: proposta interventiva e assessoramento para projetos de educação sexual em Abaetetuba-PA**. 2017. 194 f. (Educação Sexual). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Araraquara, 2017. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/151756/rodrigues_ss_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 23 out. 22.

ROSA, F. M. C da; RODRIGUES, T.D. Inclusão e (In)tolerâncias, Avanços e Retrocessos: O que a Sociedade, a Escola e a Educação Matemática têm haver com isso? **Educação Matemática em Revista**, Brasília, v. 24, n. 64, p. 33-51, set./dez. 2019. Disponível em: <http://funes.uniandes.edu.co/24129/1/daRosa2019Inclus%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 23 out. 22.

ROSA, F. M. C da. **Professores de Matemática e a Educação Inclusiva: Análises de Memoriais de Formação**. 2013, 283 f. Universidade Estadual Paulista Campus de Rio Claro, 2013. Disponível em: [UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA Instituto de Geociências e Ciências Exatas Campus de Rio Claro FERNANDA MALINOSKY COELHO DA ROS](#)>. Acesso em: 24 set. 22.

SAHAGOFF. A. P. **Pesquisa Narrativa: uma Metodologia para Compreender a Experiência Humana**. 2015. Disponível em: [PESQUISA NARRATIVA: UMA METODOLOGIA PARA COMPREENDER A EXPERIÊNCIA HUMANA - PDF Free Download](#)>. Acesso em: 23 out. 22.

SANTOS. G. A dos; BRAGA. A. A. C. *In: Anais do Segundo Encontro Maranhense sobre Gênero, Educação e Sexualidade (EMGES): diferenças de gênero e sexualidade na educação: estudos, pesquisas e intervenções [Recurso eletrônico] / Coordenadora: Sirlene Mota Pinheiro da Silva et al. — São Luís: EDUFMA, 2018. p. 131-135.* Disponível em: [DIFERENÇAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO: estudos, pesquisas e intervenções](#)>. Acesso em: 30 out. 22.

SANTOS, L. H dos. **Educação sexual no ensino fundamental: construindo uma unidade didática**. 2019. 149 f. Universidade Federal de Pelotas, 2019. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/4901/1/Luciana_Henzel_Santos_Dissertacao.pdf>. Acesso em: 30 out. 22.

SILVA. E. S; SILVEIRA. S. M. P da. **Infância Erotizada e a Expressão da Sexualidade na Sala de Aula: Dizeres e Fazeres de Professoras**. *In: Anais do Segundo Encontro*

Maranhense sobre Gênero, Educação e Sexualidade (EMGES): diferenças de gênero e sexualidade na educação: estudos, pesquisas e intervenções [Recurso eletrônico] / Coordenadora: Sirlene Mota Pinheiro da Silva et al. — São Luís: EDUFMA, 2018. p. 80-92. Disponível em: <[DIFERENÇAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO: estudos, pesquisas e intervenções](#)>. Acesso em: 30 set. 22.

SILVA, M. D da. **Educação, sexualidade e divulgação científica:** estado da arte das publicações da área 46 da CAPES. 2012. 142 f. (Educação para a Ciência e a Matemática) Universidade Estadual de Maringá, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/4445/1/000199865.pdf>>. Acesso em: 30 set. 22.

SIQUEIRA, D.P; CASTRO, L.R.B. Minorias e Grupos Vulneráveis: A Questão Terminológica Como Fator Preponderante Para uma Real Inclusão Social. **Direitos Sociais e Políticas Públicas** (UNIFAFIBE), Bebedouro/SP, v. 5, n.1, p. 105-122, jun. 2017. Disponível em: <<https://portal.unifafibe.com.br/revista/index.php/direitos-sociais-politicas-pub>>. Acesso em: 09 dez. 2022.

SOUZA, D. M. X. de B; SILVA, M. A. da. Questões de Gênero no Currículo de Matemática: Atividades do Livro Didático. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo/SP, Vol.19, n.3, p. 374-393, dez. 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/33324/pdf>>. Acesso em: 23 out. 22.

SOUZA, E. C de. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e narrativas. In: SOUZA, E. C de; ABRAHÃO, M. Helena M. B. (Orgs) **Tempos, narrativas e ficções:** a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. 2006a. p. 135-147. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Ax_qftC2SVcC&oi=fnd&pg=PA135&dq=pesquisa+narrativa&ots=2IARZIOchK&sig=zt-i8HRtKYiGuw8OWPkk23s7IQE#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 23 out. 22.

UNESCO. **Guidelines for inclusion:** Ensuring access to Education for All. 2005. Disponível em: <[Guidelines for inclusion: ensuring access to education for all; 2006](#)>. Acesso em: 23 out. 22.

UNESCO. **Global Education Monitoring Report Summary 2020:** Inclusion and education: all means all. França, 2020. Disponível em: <[Global education monitoring report, 2020: Inclusion and education: all means all](#)>. Acesso em: 23 out. 22.

Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios: Homofobia pode ser enquadrada como crime de racismo. 2020. Disponível em: <[Homofobia pode ser enquadrada como crime de racismo](#)>. Acesso em: 26 out. 22.

WAISE, T. S. **Cenários de Reconhecimento em Contextos de Minorias Sexuais e de Identidades de Gênero na Aula e na Formação Inicial de Docentes de Matemática.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021. 144 f. Disponível em: <https://pemat.im.ufrj.br/images/Documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/2021/MSc_113_Tadeu_Silveira_Waise.pdf>. Acesso em: 25 set. 22.